



**SOU
UM DIA EM
NOITE ESCURA**

CENTENÁRIO DE AGOSTINHO NETO (1922-2022)

ORGANIZAÇÃO DE FRANCISCO TOPA

AN
CÁTEDRA
AGOSTINHO NETO



Sou um dia em noite escura:

centenário de Agostinho Neto

(1922-2022)

Organização de Francisco Topa



Porto

Design gráfico da capa: Bruno Bento

Depósito legal

ISBN
978-989-53997-2-7

Porto • 2024

Índice

<i>A importância dos centenários</i>	5
O princípio esperança: poesia e sobrevivência em Agostinho Neto Roberto VECCHI	9
Como Agostinho Neto antecipou Frantz Fanon: A renúncia impossível de ser negro – Tributo / nova abordagem do intelectual Pires LARANJEIRA	19
A poesia de Agostinho Neto na Espanha e outros anexos Xosé Lois GARCÍA	45
Agostinho Neto e o apelo do espaço Nazir Ahmed CAN	51
A mulher na poesia de Agostinho Neto Ana RIBEIRO	67
Entre sombra e luz: o retrato de uma vida precária em “Quitandeira” de Agostinho Neto Luigia DE CRESCENZO	79
Sol e sombra, luz e luzes na poesia de Agostinho Neto Francisco TOPA	89

A importância dos centenários

Ainda há pouco os centenários (e até outros números menos redondos) eram pretexto para grandes celebrações das figuras ou dos acontecimentos em causa e uma oportunidade maior para repensar essas figuras ou esses acontecimentos, com uma atualização importante daquilo a que hoje se chama o estado da arte. A situação parece, contudo, estar a mudar: em 2022, ano em que se comemorou uma série grande de centenários de nascimento (Pasolini, Saramago, Maria Ondina Braga, Agustina, José Craveirinha, Agostinho Neto), ou de morte (Marcel Proust), centenários ou bicentenários de acontecimentos (como A Semana de Arte Moderna de São Paulo ou a independência do Brasil e a Constituição portuguesa) ou de livros (como o *Ulisses*, de Joyce), tetracentenários e meio (da publicação de *Os Lusíadas*), fica a impressão de que nenhum deles foi suficientemente visível ou impactante, apesar dos esforços de quem promoveu a sua celebração.

Admitindo que a impressão seja verdadeira, não é fácil explicar o fenómeno. Temos hoje informação a mais e estamos, por isso, menos disponíveis para reatentar em coisas que julgamos já saber? O *novo* impôs-se definitivamente ao *velho*? A emergência constante de novos génios e novas celebridades destronou aqueles que julgávamos libertos para sempre da lei da morte?

Não é fácil responder e certamente que a explicação varia de personalidade para personalidade, de país para país, de sociedade para sociedade. No caso de Agostinho Neto e do seu centenário, está por fazer uma avaliação, tanto em Angola quanto em Portugal ou noutros países em que o seu legado, poético e político, é conhecido e apreciado. De qualquer modo, se compararmos o que se fez em 2022 com as manifestações de todos os tipos que acompanharam a sua morte há 45 anos, notamos uma distância abismal. Que aconteceu entretanto?

Sim, o mundo mudou, e Angola e Portugal também. E com isso a percepção de Agostinho Neto. Haverá uma base mínima em que todos estaremos de acordo e um conjunto de aspetos – relacionados sobretudo com a sua faceta política, particularmente na qualidade de Presidente do MPLA e de Angola – que suscitará discordâncias, em geral dependentes do modo como cada um se situa no plano político-ideológico.



Imagem de uma das sessões realizadas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Na mesa, Arnaldo Saraiva, que dirige a sessão, acompanhado de Pires Laranjeira e Ana Ribeiro; no ecrã, participando à distância, Ana Maria Martinho

Respeitando essas divergências, importa frisar que Agostinho Neto, independentemente dos erros políticos que possa ter cometido, foi uma figura acima do seu tempo: porque esteve do lado mais difícil, mais incómodo e mais incerto da vida – primeiro abraçando a poesia e a medicina como causas e como formas de luta; depois trocando a poesia e a medicina por uma liderança político-militar de risco, num contexto internacional particularmente volátil; por outro lado ainda, porque liderou a independência de Angola e conduziu a sua administração naquele que terá sido até hoje o período mais difícil da sua história. Qualquer discussão séria sobre a sua figura não pode, pois, esquecer esses factos.

São muitos, pois, os caminhos sugeridos pela figura e pela obra de Agostinho Neto, que continua viva e a interpelar-nos. E o pequeno e despretensoso colóquio que está na base do livro que agora vem a público foi disso uma prova clara. Reunindo, a 9 e 10 de setembro de 2022, professores e investi-

gadores de Portugal, de Angola, da Galiza, do Brasil e de Itália, propôs-se revistar a obra poética e a figura política do primeiro presidente de Angola, mostrando que nem tudo está dito e que nem tudo está cumprido.

Aspeto da sessão que decorreu no Museu Militar do Porto (antigas instalações da PIDE / DGS, onde Agostinho Neto esteve preso). Na mesa, Nazir Ahmed Can, que presidiu à sessão, Vincenzo Russo e Ana T. Rocha



Infelizmente, não foi possível reunir todos os trabalhos que foram então apresentados. Mesmo assim, os sete que podem ser lidos de seguida mostram, não só a persistência da poesia do autor de *Sagrada esperança*, como também a vitalidade dos centros universitários em que, um pouco por todo o mundo, a sua obra continua a ser estudada. Leituras de conjunto sob um novo prisma, como as de Roberto Vecchi e Pires Laranjeira, balanços ao nível da receção noutras espaços linguísticos, como o de Xosé Lois García, ou o estudo aprofundado de tópicos e de poemas, como os de Nazir Ahmed Can, Ana Ribeiro, Luigia De Crescenzo ou o do autor destas linhas, comprovam-no bem. É caso, pois, para dizer que continua a valer a pena assinalar aniversários como este.

Francisco Topa

O princípio esperança:

poesia e sobrevivência em Agostinho Neto

Roberto Vecchi
U. di Bologna
roberto.vecchi@unibo.it

Resumo: O texto aborda, através de uma leitura analítica de *Sagrada esperança*, dois elementos da visão poética de Agostinho Neto. O primeiro, inspirado em Ernst Bloch, sobre um “princípio esperança” que possibilita ler o substrato de utopia e desejo de futuro a partir de uma base de pensamento materialista. Esta opção tem um impacto do ponto de vista estilístico afetando as formas da linguagem da obra poética. Este foco permite também repensar na ontologia de uma poesia política, mostrando como esta se deposita em particular em opções poéticas capazes de conjugar, pela composição, elementos heterogêneos da poética. O segundo elemento, das sobrevivências, além do sentido literal e singular da palavra, possui uma dimensão conceitual que combina real e abstrato mostrando as resistências perante uma memória – cultural linguística e política – ameaçada e em risco. Estes elementos oferecem uma outra perspectiva de significação de uma obra poética imprescindível como aquela de Agostinho Neto.

Palavras-chave: Agostinho Neto, Princípio esperança, Poesia política, Sobrevivências.

Abstract: The essay tackles, through an analytical reading of *Sagrada esperança*, two elements of Agostinho Neto’s poetic view. The first, inspired by Ernst Bloch, based on a “principle of hope” that allows to read the utopian substrate and future desires from a materialistic basis of thought. This option provokes a strong impact from the stylistic point of view and affects the forms of the language of the poetic work. This focus allows as well to rethink the ontology of political poetry, showing in particular how the author’s options are capable of combining, by composition, heterogeneous elements of the poetry. The second element of survivals, besides the literal and singular meaning of the word, has a conceptual dimension that combines real and abstract layers and showing the resistance of a cultural, linguistic and political memory at risk. These elements offer another perspective of reading Agostinho Neto’s fundamental poetic work.

Key words: Agostinho Neto, Principle of hope, Political poetry, Survivals

“O choro de África é um sintoma”
 (“O choro de África”: 122¹)

Sagrada esperança é um livro que põe em crise, hoje, o leitor atual (talvez não o contemporâneo, poder-se-ia dizer com acento filosófico) lançando desafios relevantes, não só no plano da construção de uma claríssima e importante voz poética, mas sobretudo pelo emaranhado de temas críticos, que continua a submeter, de um tempo intenso e perdido.

Sem enumerar particularmente todos estes fios e nós que caracterizam a conexão entre poesia e história, vale a pena lembrar que a questão sintética que de certo modo os absorve todos, ainda que por exiguidade, é como ler hoje aquela que com uma etiqueta simples poderia ser denominada uma “poesia política”? E também em que medida uma poesia, forma em si problematicamente mimética e só de modo bastante oblíquo, pode tornar-se política, fora do contexto histórico que a produziu? E acrescentaria mais. Qual é o dispositivo poético – porque deve certamente haver um – que torna uma poesia enxertada na realidade, na memória, na experiência, como aquela de Agostinho Neto, capaz de continuar a produzir os seus efeitos poéticos, quando as *realia* já se extinguíram ou desapareceram, permanecendo eventualmente de modo residual e mudo?

O desafio ontológico em suma destes questionamentos sobre a poética é sempre aquele afundado numa história cultural datada, ou seja, na relação impossível ou fortemente perturbada entre poesia e realidade, que torna inaceitável – pelo menos de modo imediato – assumir uma relação direta entre as duas partes – da literatura e da vida – abrindo o campo a um gigantesco problema crítico, periodicamente atualizado e rediscutido.

Anos atrás, assumindo um eixo deste tipo sobre a guerra colonial, com Margarida Calafate Ribeiro configurámos um campo de mediação, redutor e ao mesmo tempo estruturador, aquele da “memória poética”, que tentava equacionar, não por rebaixamento mas por elo conceitual, esta questão crítica profunda (RIBEIRO; VECCHI, 2011: 25).

¹ No texto coloquei só a indicação de página da edição utilizada que se refere sempre ao volume *Sagrada esperança* (1979). Lisboa: Sá da Costa-UEA.

Há uma definição canônica de poesia em que penso ao formular estas anotações. Foi atribuída longamente ao poeta italiano Eugenio Montale, que a usava nalguns contextos, mas cuja origem na verdade remete para um poeta seiscentista, sempre italiano, Tommaso Ceva (DIZIONARIO BIOGRAFICO, 1980) que no *Discorso sopra la poesia* (publicado só em 1755) define a poesia como “um sonho feito na presença da razão” (CEVA, 1718: 139-140)². Uma determinação de pronto uso que consegue, no entanto, subtrair o poético tanto à esfera de uma subjetividade absoluta e incontável qual o sonho, como ao campo de uma racionalidade construcionista que no uso da matéria produz uma obra, mas oportunamente no interstício indeterminado entre sonho e razão e, diria mais, sempre pensando na *Sagrada esperança*, entre visão e matéria.

O que proponho aqui é uma leitura duvidosa de uma dualidade (não de uma dicotomia) da poesia de Agostinho Neto de acordo com a qual é possível entrar mais profundamente no seu emaranhado poético e político através de uma abordagem não só temática, mas sobretudo de aspetos formais desta poética. No fundo, é a pergunta central, o que significa o termo epónimo “esperança” num livro tão marcado por tempos outros, como o passado, o presente da violência, da exploração, do subdesenvolvimento, do colonialismo, numa perspetiva local mas também universal?

Há muitos tempos futuros na *Sagrada esperança* que é preciso entender não só como conjugações verbais. Há certamente um horizonte idealizado e projetado num tempo externo ao presente no livro. Sem querer ser exaustivo, numa resenha imediata, lembro algumas citações: “Amanhã / entoaremos hinos à liberdade” (“Adeus à hora da largada”: 38); “E terei para ti os sorrisos que me pedes” (“Não me peças sorrisos”: 73); “Vamos com toda a Humanidade / conquistar o nosso mundo e a nossa Paz” (“À reconquista”: 87); “Ninguém / impedirá a chuva” (“Aqui no cárcere”: 120); “Havemos de voltar!” (132). E há, também, outras referências temporais desta vez não por referência verbal mas adverbial como por exemplo no poema “Aspiração” onde o futuro é declinado, indiretamente, pela aliteração do advérbio “ainda” (70).

² As traduções de todos os textos citados de autores não portugueses são minhas.

Ou seja, se como se disse o tempo verbal do utópico (mas também do sujeito, do inconsciente etc.) é o “futuro anterior” (Lacan, Irigaray, Braidotti etc.; cfr. BRAIDOTTI, 2004: 55), Neto configura uma paisagem transformada, um projeto histórico que situa a utopia, num tempo futuro outro, de um porvir que encontra os seus modos de expressão, a sua emersão: quando Angola “tiver sido” independente: “Havemos de voltar / À Angola libertada / Angola independente” (133). Mas seria redutor limitar a este além ou não ainda, a projeção futura do projeto poético e político de Agostinho Neto. Este decorre sobretudo, mais do que de um tempo verbal ou conceitual, de uma semântica em movimento de uma palavra, central, “esperança”, que, não por acaso, a meu ver, abre o livro já desde o seu nome próprio, o título, até a última palavra do volume que é, mais uma vez, “esperança” (“povo independente com voz igual / a partir deste amanhecer vital sobre a nossa esperança” que é o desfecho do longo poema “A voz igual”: 140).

“Esperança” na poesia de Agostinho Neto é uma palavra que varia de sentido em função do seu contexto poético. Um mapeamento exaustivo não cabe nesta síntese, mas algumas amostras significativas apontam como as forças presentes no termo (esperança) estão submetidas a uma permanente reconjugação, o que altera o significado do termo dentro do isomorfismo do significante, na linha em que se desenvolve uma tendência crítica da assim chamada “história conceitual”. Eis alguns exemplos destas variações que permitem traçar uma constelação ampla de uma palavra não só recursiva mas de forte incidência de significado. Já na abertura em “Adeus à hora da largada”, a esperança se dissolve na sua raiz constitutiva “tu me ensinaste a espera / como esperaste na hora difícil” (37), “Eu já não espero / sou aquele por quem se espera” (*Ibidem*), que mostra um sentido literal do ato de esperar, com um eco até bíblico, mas também como mostra o verso que costura os dois versos anteriores e já projeta para o plano abstrato não da espera mas da sua especialização em esperança: “Mas a vida / matou em mim essa mística esperança” (*Ibidem*).

Os versos são interessantes antes de tudo porque mostram a anfibologia do verbo esperar, mas também como desde logo o adjetivo da expressão “mística esperança” (confirmando um dualismo já presente no título da obra) de certo modo acentua a necessidade de qualificar a esperança, visto que em si o termo seria incompleto.

Inicia-se aliás já no segundo poema “Partida para o contrato”, num percurso que atravessa todo o livro, a construção conotativa do contrário da esperança, da “antiesperança”, da “desesperança”, diríamos, com traços escuros, sombrios, de trevas (pense-se na série dos cárceres ou em poemas como “Noite”, por exemplo).

A esperança assim, também pelos efeitos cromáticos, torna-se uma componente vitalista, corpórea que pode contrastar com a primazia da razão e identificar-se com as “outras razões” do corpo (o célebre *andersdenken* nietzschiano, cfr. RELLA, 1993: 10), num limiar de tangência entre corpo e política, entre vida e imaginação. Por isso no “Sábado nos musseques” “e logo ali se confunde com a própria vida / transformada em desespero / em esperança e uma mística ansiedade” (47), onde se nota bem como o adjetivo comum “místico” liquefaz o anterior sentido da esperança antes configurado.

Esta linha de leitura de construção semântica da palavra chave, esperança, mostra o funcionamento de outros versos como por exemplo em “Quitandeira”, num plural que encosta novamente o sentido literal com o sentido figurado da palavra mas numa direção que objetifica, com um efeito imagético carregado, o sentido “E aí vão as minhas esperanças / como foi o sangue dos meus filhos / amassado no pó das estradas” (52). Reconfigura-se também por referência biográfica e familiar, como no caso do poema “Um aniversário”, quando se ressalta “E a esperança de ter um dos nossos formados em Medicina” (78). Ao mesmo tempo mantém-se o universalismo da expectativa, metaforicamente expressa pela germinação que se contrapõe à violência do sangue na “África imensa”: “mundos de braços de ânsia de esperança” (88) e “germinantes sob o solo da esperança” (“Sangrantes e germinantes”: 89). Ou como para restituir o indizível silêncio do “Massacre de S. Tomé” surge uma outra conotação cromática da palavra “na terra chamada verde/ que as crianças ainda chamam verde de esperança” (92).

Também a sua potência relacional que se funde na reconstrução de um ciclo de vida, mais uma vez corporificado por seres viventes “ali o brilho esperança dos nossos olhos / se transforma imenso numa força irrepreensível / de amizade” (94) e “Ali a esperança se tornou árvore/ e rio e fera e terra / ali a esperança se tornou vitória amizade / na elegância da palmeira e na pele negra dos homens” (“Bamako”: 95).

A resenha poderia seguir e nesta primeira abordagem limita-se às referências diretas, excluindo portanto a multiplicidade de alusões, referências mediadas e indiretas, conotações etc. como, e é só um exemplo, na composição que melhor expressa uma poética metarreflexiva como “Poema” quando acena à condição esperançosa: “Direi sim / em qualquer poema” (102).

Esperança, portanto, é um significante aberto em cuja instabilidade semântica se inscreve o *labor limae* poético de Agostinho Neto. Na configuração plural da esperança consuma-se uma atenta obra construtiva sobre e da palavra.

De modo apodítico, poderíamos dizer que é este o cerne da relação entre poética e política, o ponto de contato onde a significação de uma palavra pode ir além da sua moldura convencional tocando, pela projeção significativa do discurso, a ideia comunitária e política implicada pelo trabalho da palavra e da poesia. Uma espécie de princípio-esperança que repauta as relações entre as duas vertentes.

Talvez se possa ir além, assumindo o mais famoso princípio-esperança do pensamento que remete para uma das obras mais inesperadas e heterodoxas da filosofia, como aquela de Ernst Bloch. *Das Prinzip Hoffnung (O princípio esperança)*. De fato esta obra constrói-se como uma espécie de atlas do “não-ainda”, de “pequenos sonhos de olhos abertos”, que atravessa as muitas fenomenologias de estados utópicos – e suas formas intersticiais – de uma “consciência antecipadora”. Não fora do materialismo, mas como uma espécie de seu desdobramento necessário, que re-situa a esperança não como um desejo ilimitado, mas pelo contrário, como um modo (não um sentimento) variável, marcado pela experiência da derrota e da desilusão.

A apreensão de objetos complexos e “opacos” (a opacidade é a condição – cromática, diríamos – que marca a condição desprovida de saída e de horizonte) como aqueles misturados do “racionalismo do coração” e da “emocionalidade iluminada” (que tanto parecem evocar a definição de poesia que inicialmente foi sugerida) mostra como as imagens do desejo implicam a consciência de projetos novos, voltados para o futuro.

Como observa Ernst Bloch, na abertura dos seus estudos,

O importante é aprender a esperar. O trabalho da esperança não é renunciatório porque por si deseja ter êxito e não falir. O esperar, superior ao ter medo,

não é nem passivo como este sentimento nem, menos do que tudo, bloqueado no nada. O afeto da esperança expande-se, amplia os homens e não os reduz, nunca se sacia em saber o que internamente os tende para um fim e o que externamente pode ser o seu aliado. O trabalho deste afeto exige homens que se joguem ativamente no novo que está a formar-se, a que eles pertencem (BLOCH, 1994: 5).

Sagrada esperança constrói-se como uma aprendizagem da esperança, configura o esperar ativo, que remete para um novo mundo em formação. Na flutuação de sentido entre espera e esperança inscreve-se não só uma experiência da linguagem poética, mas também a experiência política de plasmar novos horizontes de uma comunidade por vir: o mesmo gesto implica pelo trabalho da palavra esta dupla vertente.

Repare-se que isso ocorre não no plano idealista ou ideológico das utopias mentalizadas, como a crítica frequentemente aponta, mas no plano de uma materialidade (ou até um materialismo discursivo), da concretude da articulação do sentido das palavras, articulação que tem sempre, pela natureza dialógica da linguagem, um traço político, de relação intersubjetiva.

O campo de variações do termo esperança, significante que se carrega de significações que convergem no esboço de um mundo novo, de modo menos abstrato do que um genérico apelo ao “futuro” a um “porvir” só ideal, desloca o projeto para o plano de uma *praxis* inovadora, também, mas não exclusivamente, discursiva. É forte neste aspeto o que chamo de sobrevivência, não só no sentido próprio, ou também pelas sugestões dos efeitos “políticos” das sobrevivências (no plural) à Aby Warburg que caracterizam especialmente a poesia como lugar de uma residualidade resistente da memória ameaçada, que não se apaga (cfr. DIDI-HUBERMAN, 2010: 39). Mas sobrevivência no sentido dual do termo, que conjuga o aspeto concreto do viver, mesmo em condições precárias, com um seu além figurado que adquire assim uma materialidade que em si o simples prefixo não possuiria marcado como é por uma conotação de transcendência histórica.

A poesia de *Sagrada esperança* é neste sentido uma poesia de sobrevivência de um limiar ao mesmo tempo concreto e abstrato que a constitui. O “princípio esperança” de Agostinho Neto aliás não decorre só de um dado interpretativo. Interpreta-se também a partir de um traço estilístico horizontal da sua poética. O trabalho sobre o perímetro de significação das palavras

ocorre através de um elemento morfológico e poético constitutivo. Frequentemente se produz através de uma conjugação de dois termos, onde um é concreto e outro é abstrato. A combinação expressiva de dois elementos heterogêneos, que estando em relação com nome e adjetivo não compõem a figura da hendíadis, mas funcionam de um modo convergente análogo, subtraindo a expressão à banalização, deslocando ou alterando o sentido global dos dois termos que assim se iconizam poeticamente, às vezes proporcionando sinestésias. Os exemplos redundam. Limito-me a mencionar os casos de um único poema, “Bamako”, a título de exemplo: “verdade gotejante”, “tépi-da superfície”, “aragem africana”, “fogueiras impacientes”, “brilho esperança”, “força irrepreensível”, valorizando só as combinações que rompem uma lógica discursiva imediata.

O que se percebe é que o concreto modifica o abstrato, assim como quiasmicamente ocorre o contrário. Essa recorrência contribui então para definir melhor a esperança, na praxis poética e política de Agostinho Neto, que se configura como o princípio de consistência lírica mas dotado de uma sua materialidade efetiva. De fato, esperança associa-se a termos abstratos (sagrada, mística, etc., como vimos) representando o elemento concreto do par.

A esperança como obra materialmente construída resgata-se assim de um plano só idealisticamente utópico e coloca-se como alicerce de um projeto inovador, no centro de um pensamento novo e outro. Uma práxis ao mesmo tempo poética e política, de sonho e razão, de pensamento e luta. Que deixa uma lição: pode-se, revolucionando a palavra, mudar o mundo. Sagrada esperança.

Bibliografia

- BLOCH, Ernst (1994). *Il principio speranza*. Vol. I. Garzanti: Milano.
- BRAIDOTTI, Rosi (2004). “Memoria minoritaria e nomadismi sostenibili”. In V. Fortunati, G. Golinelli, R. Monticelli (eds.). *Studi di genere e memoria culturale*. Bologna: CLUEB, pp. 37-58.
- CEVA, Tommaso (1718). *Memorie d'alcune virtù del Signor Conte Francesco De Lemene*. Milano. (1.^a ed. 1706).

- DIDI-HUBERMAN, Georges (2010). *Come le lucciole. Una politica delle sopravvivenze*. Torino: Bollati Boringhieri.
- DIZIONARIO BIOGRAFICO DEGLI ITALIANI (1980). Roma: Treccani, vol. 24 (on-line).
- NETO, Agostinho (1979). *Sagrada esperança*. Lisboa: Sá da Costa-União dos Escritores Angolanos.
- RELLA, Franco (1993). *Miti e figure del moderno*. Milano: Feltrinelli.
- RIBEIRO, Margarida Calafate; VECCHI, Roberto (2011). *Antologia da memória poética da guerra colonial*. Porto: Afrontamento.

Como Agostinho Neto antecipou Frantz Fanon:

A renúncia impossível de ser negro

– Tributo / nova abordagem do intelectual

Pires Laranjeira

U. Coimbra / CLP

Resumo: O ensaio aborda em profundidade o poema “A renúncia impossível”, escrito por Agostinho Neto em 1949, e sublinha a sua importância como prática da negação colonialista, defendendo que ele antecipa certos aspetos da obra de Frantz Fanon. Além disso, segundo o autor, o texto de Neto, na sua formação estética, analítica, fenomenológica, existencial, psicanalítica, social e política, antecipa também o Manifesto de 1956 do MPLA.

Palavras-chave: A renúncia impossível; Agostinho Neto; Frantz Fanon; Manifesto do MPLA.

Abstract: The essay discusses in depth the poem “A renúncia impossível”, written by Agostinho Neto in 1949, and highlights its importance as a practice of colonialist denial, arguing that it anticipates certain aspects of Frantz Fanon’s work. Furthermore, according to the author, Neto’s text, in its aesthetic, analytical, phenomenological, existential, psychoanalytic, social and political formation, also anticipates the MPLA’s 1956 Manifesto.

Keywords: A renúncia impossível; Agostinho Neto; Frantz Fanon; MPLA Manifesto.

O poema “A renúncia impossível” tem duas versões, uma delas recolhida por Michel Laban no espólio de Mário Pinto de Andrade (in MATA & PADILHA, 2000), que a família Neto, entretanto, tem vindo a incluir na edição da poesia completa de Agostinho Neto, tanto em Angola, intitulada, na fase atual, como *Obra poética completa*, quanto em traduções em várias línguas, incluindo o mandarim e o hindi. E é de toda a conveniência terminar com a ideia de que a sua obra poética se resume a *Sagrada esperança*.

Aqui se pretende dar relevo a esse poema como prática da negação colonialista, texto estético que contribui para percebermos como é antecipatório e, nessa antecipação, não deixa de ser judicativo para a obra de Frantz Fanon. Quer isto dizer que nos obrigamos a pensar que não é este teórico engajado na libertação da Argélia que pode explicar e sancionar Agostinho Neto, mas o contrário, que alguma poesia do angolano, tal como a de Aimé Césaire, demonstra a gravidade do estado social e psíquico de ser colonizado e negro, e aponta o percurso da sua ultrapassagem, como efetiva teorização que irradia do poema.

O Manifesto de 1956, escrito por Viriato da Cruz, discutido pelo grupo que incluía António Jacinto e Mário Pinto de Andrade, entre outros, que viviam em Luanda, é o constitutivo teórico-doutrinário do movimento popular de libertação de Angola, mas não aparece isolado. Nessa década de 50, Frantz Fanon cria a sua teoria da destituição do ser negro, da doença do sujeito e da cura dos traumas coletivos dos negros através da ultrapassagem da negritude (e) pelo uso da luta armada como ato político e cultural.

O poema “A renúncia impossível” (escrito em Coimbra, em 1949), de Agostinho Neto, na sua formação estética, analítica, fenomenológica, existencial, psicanalítica, social e política, antecipa a teorização de Frantz Fanon e antecipa o Manifesto de 1956 (do “movimento popular de libertação nacional”), contrariando, pela sua simples existência e evidência, investigações e postulados correntes que tendem a apresentar Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade, Amílcar Cabral e Eduardo Mondlane como aqueles intelectuais determinantes e fatores quase exclusivos da teoria da desalienação ideológica, autonomização, autoestima e libertação, remetendo automaticamente Agostinho Neto para uma zona de sombra e de secundaridade. Por outro lado, não é por o Manifesto de 1956 não se ter constituído, de imediato, à maneira do Manifesto do Partido Comunista, de Marx / Engels, como texto formal fundador de um movimento / partido, que deixa de ser – junto com outros textos, incluindo os de Agostinho Neto – o Manifesto que inclui, na sua letra, a denominação, explícita e justamente no final do texto, que formou o nome do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), mais tarde constituído como Partido do poder conquistado, ao contrário do que argumenta Jean-Michel Mabeko-Tali (2019). Este historiador – tanto como outros intelectuais – apresenta uma visão parcial e desfocada quanto às difi-

culdades de organização política, no contexto de 40 e 50, justamente pela repressão exercida pelos poderes coloniais, pela falta de meios de estudo e de consciencialização e a consequente dispersão dos melhores pensadores e organizadores africanos e angolanos, em nada ajudando ao aparecimento de um partido formal ou de uma frente unida, coesa e funcional que a tal organização se assemelhasse. O mesmo historiador argumentou que o “anti-intelectualismo e a atitude antitéórica andarão de mãos dadas, como o mostra ‘Jika’ no seu ensaio, e instaurará (sic) o crime de sangue”, concluindo pela ideia de que Viriato da Cruz foi “efectivamente o verdadeiro fundador” do Movimento (MABEKO-TALI, 2019: 180-181). Ora o Comandante Jika escreveu: “como explicar a eclosão em 63 das prevenções anti teóricas e anti-intelectualistas senão concebendo-as como uma arma operativa do arsenal ideológico da pequena burguesia rural?” (JIKA, 1976: 47). Esta suposta crítica às posições anti-teóricas da direção do MPLA (subentende-se: Agostinho Neto), já nos anos 60, não tem fundamento, porque não só Neto não era já um elemento da pequena-burguesia rural, mas urbana, pela sua formação intelectual e o seu percurso político, como se torna incompreensível que uma direção política e militar de um movimento como o MPLA possa sustentar-se sem que tenha uma orientação de conteúdo teórico, intelectual, e uma organização disciplinada, centralizada e hierarquizada. Ou refere-se Mabeko-Tali aos assassinatos indiscriminados de 63, na região norte de Angola, do interior, por arte da UPA? Mas, se assim for, usa esses atos criminosos perpetrados por outra organização para criticar Agostinho Neto e amplificar a importância de Viriato da Cruz como autêntico fundador do MPLA, como, aliás, pretendeu fazer, o que é contestável, por assentar numa visão personalista e desajustada, facciosa, como se provou, pelo percurso errático e erróneo desse intelectual após perder a liderança. Essa exemplificação serve para mostrar como existem dezenas de intervenções, ou mesmo centenas, ao longo dos últimos 35 anos, sobretudo em Portugal e Angola, para desacreditar e apagar Agostinho Neto como intelectual, teórico e poeta (que apresenta produções como um conjunto decorrente de um pensamento fundamentado, estruturado, coeso e coerente), procurando exhibir potenciais líderes supostamente mais bem preparados e imaculados nos seus atributos e percursos (embora reconhecendo o imperativo de um líder ser negro), obliterando que, durante qualquer guerra, todo o movimento de libertação ou exército regular de um país está sujeito, desde há séculos, a uma disciplina férrea e punitiva,

sem a qual o corpo de militares seria um mero agregado sujeito à revolta, desorganização e debandada. Trata-se de analisar a história e não a utopia ou os sonhos e sentimentos individuais.

O poema de Neto é substancialmente adverso à simplicidade das grelhas que o procuram ler, em exclusividade ou em predominância, como protótipo de um engajamento social e político. “A renúncia impossível” é um texto extraordinariamente apelativo, na sua aparente singeleza, gerador de significações de suma importância para a história da política e da cultura letrada angolana e africana, comparável ao *Cahier d'un retour au pays natal* (1947), do franco-martinicano Aimé Césaire, ambos intertextualmente siameses (cf. RODRIGUES, 2014: 51-74). Pelo seu contexto de produção, tal como aconteceu com o texto deste último, se Frantz Fanon tivesse conhecimento dele, poderia tê-lo citado no seu *Pele negra, máscaras brancas*, mas isso não era possível, porque somente foi publicado na década de 80, após a sua morte, pela esposa, Maria Eugénia Neto, em colaboração com Antero de Abreu e Dario de Melo. Esse poema fulcral na obra de Neto começou por não ser recebido com o apreço que merecia. Houve alguma relutância em aceitar-se que acrescentava bastante à sua obra. Mais ainda: esse poema, junto com outros textos anteriores e posteriores, tornou-o um pensador, um intelectual de vanguarda, avançado, que jamais poderá ser menos prezado em comparação com Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade ou Amílcar Cabral.

O sujeito poético, no discurso que o constitui, expressa-se com categorias da filosofia materialista, transcendental e metafísica, com o existencialismo, a ontologia, a fenomenologia e a psicanálise, esta na sua faceta analítica, isto é, clínica e discursiva, de catarse e cura, e ainda da filosofia política, da sociologia e da teoria do poder, além da física quântica, da matemática e da lógica, para enfrentar o gigantesco desafio de ser negro, autoavaliar-se, avaliar os outros e transcender as limitações históricas e contextuais. Pareceria demasiado para um poema de Agostinho Neto, poder-se-ia dizer mal intencionadamente, mas a curiosidade e a inteligência, assim como o convívio nas tertúlias, centros de estudo, grupos e movimentos políticos, em Portugal, enquanto estudante, intelectual, ativista e prisioneiro, numa época de agitação pós-II Guerra Mundial, mesmo sob a ditadura, mergulhou-o numa agitação intelectual que pode parecer improvável, mas isso seria reduzir o país, nessa altura,

a um estereótipo exclusivamente do ponto de vista genérico, esquecendo as bolsas e campos de resistência e ilustração.

Disseca comportamentos e mentalidades e pode captar as significações e o sentido das existências, tecendo o seu próprio discurso, não filosófico, mas estético, contendo o filosófico e o científico, para devolver aos que constituem o seu povo e o povo negro em geral a capacidade de se revoltarem e fazerem a revolução. Cria uma arriscada e desconcertante manobra discursiva com o uso da ironia, para forçar o vitupério e o gozo, ou seja, uma vingança incisiva, mas tranquila, sobre a desrazão ocidental. Com tal poema, apresentou esteticamente o estado da nação em potência e o modo de ser, estar e fazer dos seus cidadãos, que, então, ainda não podiam disfrutar de condições de cidadania.

O poema pode ser interpretado evidentemente com a ajuda da teorização de Frantz Fanon, o consagrado autor cujos textos seminais – *Pele negra, máscaras brancas* e *Os condenados da terra* – são posteriores ao poema netiano, tal como ao poema-livro *Cahier d'un retour au pays natal* (edição em revista, 1939; e edição em livro, 1947).

Obviamente, nada a apontar àqueles patriotas e líderes africanos estimados e referidos, a não ser as naturais críticas dialéticas a aspetos pontuais dos seus escritos ou ações, tal como acontece com qualquer filósofo, teórico ou ensaísta, todos sujeitos à crítica, no processo constitutivo do saber que se renova. Basta, porém, ler o largo espectro dos estudos literários, políticos, históricos, sociais, etc., sobre essa Geração de 50, aquela que se formou nessa época e enformou os movimentos de libertação anticoloniais, para perceber que a esmagadora maioria das referências – quando se trata de enumerar os líderes intelectuais das libertações – inclui Amílcar Cabral (pelos seus estudos e ensaios sobre a guerra de libertação ou aspetos da economia da Guiné-Bissau e de Angola), Viriato da Cruz (pela feitura do manifesto de 1956, pela poesia e alguns outros escritos), Mário Pinto de Andrade (pelos textos sobre literatura, que acompanhavam as antologias que organizou, ou pelo livro póstumo sobre o nacionalismo africano) ou, inclusive, embora menos referido no âmbito teórico, Eduardo Mondlane (graças ao seu livro sobre a análise da colonização e dos princípios programáticos da luta de libertação).

Tem havido continuamente certa tendência para designar essa Geração de 50 como a “Geração de Cabral”, como que obliterando ou beliscando o facto irrefutável de que se tratou de uma ampla geração, em que todos os contributos teóricos tiveram a sua importância, por serem diminutos (raramente se refere Alda Espírito Santo, por exemplo, para sublinhar uma ausência constrangedora), não convindo, de modo nenhum, subestimar ou sobretudo elidir personalidades fulcrais para o desenvolvimento dessas lutas. Do mesmo modo, não se pode arredar o contributo intelectual de certos vultos que estão na história do pensamento e da cultura dos países africanos, por muito que eles tenham virado as costas às lutas armadas de libertação nacional, cabendo aqui, portanto, os nomes do luso-são-tomense Francisco José Tenreiro e do angolano Mário António Fernandes de Oliveira.

No seu contexto de Coimbra, entre 1947 e 1950, e de Lisboa, a partir dessa data, enquanto estudante de Medicina, intelectual e militante anticolonialista, que passou por vários encarceramentos, viveu numa atmosfera filosófica, teórica e científica que, para além do marxismo, incluía o existencialismo (Sartre), a fenomenologia (Husserl, Heidegger), a ontologia e a ética (Lévinas) e a psicanálise (Freud, Lacan).

Coimbra era uma cidade estudantil, pacata e propícia ao estudo, discussão e reflexão. Mas Neto procurou a capital do império, para se juntar ao maior número de militantes anticolonialistas, estudantes e trabalhadores (subestima-se também a sua ligação aos marítimos / embarcadiços), e estar no centro das lutas decisivas contra a ditadura portuguesa e para fortalecer a luta pelas independências. Foi um tempo crucial de aprendizagem e maturação política, científica e cultural.

Mergulhou na influência do marxismo, que partilhava com os camaradas do movimento estudantil ligado ao MUD-Juvenil, e, portanto, atuando na órbita do Partido Comunista Português, mas não se pode limitar o espectro da cultura a esse quadrante doutrinário e ideológico, o que seria, e tem sido, redutor.

Verificamos que a “A renúncia impossível”, juntamente com os outros poemas escritos nesse final da década de 40, quando Neto chegou a Coimbra com 25 anos de idade, senhor de uma consciência elaborada e desenvolvida (a este propósito, convém ler os ensaios de Luís Kandjimbo sobre o que ele designa como o nativismo de Neto), que se desenvolveu em processo denso e

acelerado, quer pelo estudo, quer pela discussão e ação participativa, revela a sua formação ou coincidência com áreas mais abrangentes, bem mais amplas do que se estima, que não têm sido esclarecidas. Não temos depoimentos dele próprio mais circunstanciados e esclarecedores sobre os novos horizontes da sua formação continuada, da sua família, dos amigos, dos companheiros e também dos intelectuais empenhados no movimento de libertação, mas as cartas que Maria Eugénia Neto enviava para a prisão onde estava mostram, pelo menos, a sua capacidade pedagógica de indicar leituras (M. E. NETO, 2016).

A sua esposa evocou o poeta em Coimbra, ao visitar a “República” em que ele viveu e que o homenageou com uma lápide na parede, no seu poema “Agostinho Neto, presente”, escrito naquela cidade, no começo de 1997:

Percorrendo a cidade
ouvi as águas do Mondego
murmurar
que os frutos da sua obra
hão-de um dia germinar.

Entre os estudantes que faziam parte do seu círculo alargado havia quem cursava engenharia, física, medicina, ciências agrárias ou direito. E tem-se o conhecimento de que Neto dedicou o seu único poema experimental a um estudante de Ciências, seu amigo próximo, “Homenagem a Joaquim Forte de Faria”, datado de maio de 1950, em Coimbra, escrito para o livro de curso, brincando com conceitos de álgebra e química. Nele, há um verso, à primeira vista que parece curioso, mas depois se torna intrigante: “A confusão de: $Vida = 2 n r$, sendo $r = MIM$ ”. Tal verso, mesmo tendo em conta o humor, aborda a vida e a sua “confusão”, sendo que, pela fórmula algébrica, o sujeito (MIM) surge duplicadamente, como que a significar a duplicidade / multiplicidade do eu, do sujeito. Aparecer tal problemática aludida num poema pagnéirico bem-humorado parece indiciar, pois, que a questão do ser, tão forte, nem nessas circunstâncias se poderia ignorar.

Justamente, desde o século XIX e desde o começo do século XX, outras teorias prepararam o terreno para que Neto pudesse discutir o sujeito, o ser, o nada e o zero. É possível ler o poema como a ultrapassagem da negação do sujeito e da sua consciência atormentada, do seu ser desumanizado e negado,

pensando na questão das peles negras com máscaras brancas de ocasião, de sobrevivência, quer nas diásporas, quer na situação colonial hodierna, dos **danados da terra**, ou seja, dos sujeitos *assobalhados*, como dizem os galegos, e, portanto, doentes de assimilação e aviltamento, com a psique fragmentada e desnordeada.

O sentido fundamental do poema “A renúncia impossível”, escrito em Coimbra, em 1949, relaciona-se com a frase “**noção de ser**”, pertencente a outro poema, “Velho negro”, escrito no ano anterior (em 1948), aos quais se podem associar uns versos do poema “Ópio”, escrito em 1947, quando Neto chegou a Coimbra para estudar medicina, com 25 anos de idade: “Eu próprio sou uma ilusão / Sou a irrealidade / Sou sonho” (NETO, 1982: 14). Esta proximidade temporal ajuda a situar com precisão o momento histórico em que os angolanos se encontravam, necessitando de reconsiderar, de repensar a sua identidade histórica e cultural e a sua consciência social e política. A poesia não se alheou dessa determinação em averiguar filosoficamente o mistério concreto do ser negro que contém o não-ser que é nada, mas que se constitui como o tudo da totalidade que ultrapassa o negro para somente ser. Não se trata aqui de pisar o terreno de uma filosofia da literatura, nem sequer de descrever as filosofias que atravessam os textos como substância, mas antes de intertextualizar mundos paralelos ou, talvez melhor ainda, de transformar um texto poético, com novo procedimento de leitura e interpretação, em panfleto e manifesto filosófico-político de libertária teoria crítica. Este trabalho pretende ser também um aviso à leitura, porque se continua a não pensar na densidade e longo alcance, quanto a premonição e impacto, do poema “A renúncia impossível”, de Agostinho Neto.

O sujeito poético deste poema sobre o “velho negro” afirma que este “Perdeu a pátria / e a noção de ser” e que se tornou um “Velho farrapo / negro / perdido no tempo / e dividido no espaço!”. Neto tratou de expressar, com estes dois poemas, entre outros, a imperiosa necessidade de que todos os sujeitos negros, perante o colonialismo, perante a dominação, em Angola, como em qualquer parte do mundo, refizessem o seu perfil psicológico, ganhassem força mental e autoestima, persistindo na inquirição, resistindo, para se poderem afirmar, dentro das sociedades repressivas em que viviam, como

entidades independentes, com autonomia e dignidade, mas solidárias entre si. Se, no poema “Velho negro”, Neto procede à constatação da perda da “**noção de ser**”, no poema testemunhal e acusatório “A renúncia impossível”, ele empreende um trabalho estético e filosófico de (re)constituição de um sujeito negro capaz de se recompor do ser “esfarrapado”, perdido, dividido, coisificado, anulado e, como dizem os brasileiros, zerado. E este zerado vem a propósito do “zero” e do “nada” no poema.

Nesse percurso poemático, enumera as existências do negro de todo o mundo, analisa os processos e circunstâncias da sua anulação como ser humano e cidadão e restitui-lhe a plenitude da interrogação existencial / fenomenológica na cena social e histórica. Essa restituição começa por ser precisamente a aparição do ser negro no discurso, ou seja, a própria tomada da palavra poética pelo negro que Neto era, alçando a sua voz escrita e, nela, procurando erguer **da negação** a figura afirmativa dos negros, em busca da totalidade.

Para nos socorrermos de um autor que municiou Jacques Lacan, renovador da psicanálise freudiana, Emmanuel Lévinas, no livro *Totalité et infini, Essai sur l'extériorité*, a totalidade é investigada segundo uma perspectiva ética e discursiva, que interroga o sujeito e a sua circunstância na situação de face a face e que surge aqui no sentido de se adequar ao discurso de Agostinho Neto: “O negador e o negado colocam-se juntos, formam sistema, quer dizer, totalidade” (2010: 30, traduções nossas, a partir daqui, sempre que os livros não estão em português).

Todavia, acontece que o discurso, “pelo facto de que ele mantém a distância entre eu e o Outro, a separação radical que impede a reconstituição da totalidade, e que se pretende na transcendência, não pode renunciar ao egoísmo da sua existência” (2010: 29). Isto é, existe uma distância material, intransponível, entre a afirmação do sujeito na letra e a procura de relação com os outros, seja na comunicação ou na assunção imaginária de falar pelo Outro, pelos outros, na totalidade.

Não há condicionalismos na existência que possam impedir o negro de tomar a palavra enquanto tal, no tempo colonial, a não ser o analfabetismo ou a alienação. Mas, precedendo a luta intensa e consequente pela tomada do poder através das armas, como afirmação cultural, conforme explicou Frantz Fanon (em *Os condenados da terra*, edição portuguesa, na década de 60),

surgia, tantas vezes, em diversos setores da sociedade complexa angolana, o sujeito como que a *desnegrificar-se*. Punha a sua máscara branca para agradar ao dominador, até que, inaugurando uma nova postura e ambição, o sujeito assumisse um novo estado de consciência, desagradado, positivo, confiante e acusador.

Este poema incorpora o estado pré-consciente, os processos de dominação e a revolta decisiva, acusando todos os estados coloniais, todas as ditaduras e democracias europeias e ocidentais, todo o eurocentrismo, incluindo o dos territórios extraeuropeus (onde novas elites e franjas populares se tornam eurocêntricas ou norte-americanizadas, quer dizer, capitalistas, burguesas e individualistas). É um grande acontecimento no processo evocativo e expurgador que recorda a história do enriquecimento material e cultural através da expansão imperial, do tráfico escravocrata dos negros e indígenas. Como se sabe, a história da construção da chamada modernidade assentou em poderes de genocídio, escravização e dominação de negros, indígenas, minorias, mulheres, crianças, pobres, assalariados, doentes, desprotegidos e derrotados do mundo, cujas consequências perduram para além do fim do imperialismo novecentista.

A “**noção de ser**” apela ao sentido ontológico / fenomenológico de que o *ser-Em-si* não implica significações negativistas. O ser constitui uma entidade de *per se*, por se tratar justamente de uma afirmação no mundo da existência. E essa afirmação é o face a face, que não permite negar o outro, “uma impossibilidade de negar, uma negação da negação” (LÉVINAS, 2016: 45). Emmanuel Levinas afirma mesmo que o ser e o não-ser são manifestações do ser, esclarecendo-se mutuamente (“L ‘être et le ne-pas-être s’éclairer mutuellement et déroulent une dialectique spéculative qui est une détermination de l’être”, LÉVINAS, 1990: 13-14). Neto provavelmente não terá lido Lévinas, um filósofo que ainda não tinha receção privilegiada em Portugal. Mas leu Sartre, não concordando com as teses de *O que é a literatura?*, que, na sua prática poética, claramente recusou, pois atribui-lhe o poder de agir e de influenciar, enquanto intervenção política ou filosófica, e não apenas à prosa, como comprovou Nelson Cerqueira (in LARANJEIRA & ROCHA: 609-622), num artigo sobre a resposta de Neto ao conceito equivocado de Sartre do que é poesia. Por outro lado, Sartre fundamentou-se em Husserl e Heidegger, entre outros, para enfrentar o problema do ser, que é central em “A

renúncia impossível”. Sartre recuou perante o conceito de “Pastor do ser” (de Heidegger) e “ser-para-a-morte” (de Nietzsche), mas atendeu à fenomenologia da concretização do ser em cada acontecimento. Heidegger postulava a associação entre ser e não-ser, fundamental para compreender a significação não paroxística no poema de Neto, que, aliás, se reforça com a ironia e o sentido final de afirmação:

Em relação ao facto de que a palavra ‘ser’ é para nós, quanto ao sentido, uma espécie de vago vapor, o facto de que compreendemos a palavra ‘ser’ e a distinguimos, com certeza, de ‘não-ser’, não é somente um outro facto, um segundo facto, mas ambos estão estreitamente ligados e formam um todo (HEIDEGGER, 1998: 90).

Surpreende-nos que, ao lermos Jean-Paul Sartre, em *O ser e o nada* (principalmente nos capítulos “As origens da negação” e “A má-fé”), nos pareça que ele escreveu certos trechos para explicar o poema de Agostinho Neto e a condição dos negros em geral:

Minha consciência não se limita a encarar uma negatividade. Constitui-se a si em sua carne, como nadificação de uma possibilidade que outra realidade humana projeta como *sua* possibilidade. Por isso, deve surgir no mundo como um *Não*, e é efetivamente como um Não que o escravo vê de saída seu amo, ou o prisioneiro tentando fugir vê a sentinela que o vigia. (...) Outros, por trazerem o Não na própria subjetividade, igualmente se constituem, enquanto pessoa, como negação perpétua: o sentido e função do que Scheler chama de ‘homem de ressentimentos’ é o Não. Mas existem condutas mais sutis, cuja descrição nos introduziria mais fundo na intimidade da consciência: a ironia é uma delas. Na ironia, o homem nadifica, na unidade de um só ato, aquilo mesmo que diz; faz crer para não ser acreditado; afirma para negar e nega para afirmar; cria um objeto positivo que, no entanto, não possui outro ser senão seu nada. Assim, as atitudes de negação com relação a si permitem nova pergunta: que deve ser o homem em seu ser para que lhe seja possível negar-se? (SARTRE, 1997: 92-93).

Noutro trecho, afirma: “Seria inconcebível um Ser que fosse plena positividade e mantivesse e criasse fora de si um Nada de ser transcendente, porque não haveria nada no Ser por meio do qual este pudesse transcender-se para o Não-Ser” (SARTRE, 1997: 65). E, finalmente:

a condição para a realidade humana negar o mundo, no todo ou em parte, é que carregue em si o nada como o que separa o seu presente de todo o seu passado. Mas não basta, porque este *nada* ainda não teria o sentido do nada: uma suspensão de ser que permanecesse inominável, que não fosse consciência de suspender o ser, viria de fora da consciência e teria por efeito cindi-la em dois, reintroduzindo a opacidade no bojo dessa lucidez absoluta. Além do mais, esse nada não seria negativo de maneira alguma. O nada (...) é fundamento da negação porque a carrega oculta em si, é negação como ser. Portanto, é necessário que o ser consciente se constitua com relação a seu passado separado dele por um nada; que seja consciente desta ruptura de ser, não como fenômeno padecido, e sim como estrutura da consciência que é. A liberdade é o ser humano colocando seu passado fora de circuito e segregando seu próprio nada (SARTRE, 1997: 71-72).

Esta última asserção de Sartre é uma possibilidade de espantosa hermenêutica aplicada ao poema “A renúncia impossível”, porque vem mostrar que a ironia do Nada, do Zero e do Ser, em Agostinho Neto, é uma dialética muito sofisticada para provar que os povos negros não puderam ser reduzidos a zero ou a nada, embora assim pareça e se possa afirmar – por hipérbole ou dialética – na medida em que, pelo simples facto de existirem, para lá dos milhões de massacrados e feridos, ao longo dos séculos, o nada que queriam que fossem pertença ao seu ser, dele não podendo ser erradicado, por integrar a sua pressuposta totalidade. Agostinho Neto podia rever-se na teoria do ser engajado de Sartre, um ser social e finalístico, com vontade de agir, perseguindo a liberdade e a independência. Todavia, não se pode descartar uma leitura mais aberta, que “A renúncia impossível”, sobretudo, solicita.

A **consciência** de que fala Sartre, no seu existencialismo humanista, pode resumir-se como sendo o reconhecimento do ser, da história e do contexto, na busca de uma explicação para o porvir de uma comunidade de indivíduos reunidos numa aliança estratégica, para a defesa da sua herança, preservação do património natural e construído e o alcance de bem-estar e satisfação das necessidades, sem prejuízo dos valores e princípios civilizacionais de outras comunidades. A **nacionalidade** é a consciência que um indivíduo apresenta ao reconhecer que pertence a uma comunidade alargada, a qual pode existir antes da formação de um Estado, que inclui um território pequeno ou enorme e povos, línguas e culturas muito diversas. Uma comunidade é um conjunto cheio de seres e valores, que Neto explorou enquanto projeto em processo, também na sua poesia. Esse processo teve desenvolvimentos inescapáveis,

com acontecimentos marcantes, em poemas como “A renúncia impossível”, que tem de ser canonizado institucionalmente.

Albert Camus, em *O homem revoltado*, que divergiu de Sartre, após evocar a história das revoltas, a revolução francesa e passar pelos pré-marxistas, a esquerda hegeliana, Marx e Nietzsche, discute a teoria da servidão de Hegel, para sublinhar o poder da revolta, em termos que se ajustam a potenciar uma aproximação ao poema de Neto:

“torna-te no que ainda não és” – Este desejo primitivo e obstinado do reconhecimento, que se confunde com a vontade de ser, só se satisfará com um reconhecimento que pouco a pouco se alargue ao reconhecimento de todos (...) O homem é a criatura que nega a fim de afirmar o seu ser e a sua diferença (CAMUS, s/d: 193 e 192).

Esta linha de insubmissão social e histórica atravessa o poema, a par de uma profunda interrogação sobre a existência, o sujeito, o ser, o nada e o zero ou vazio, como consequência da repressão e do silenciamento dos colonizados negros em África e seus descendentes nos outros continentes.

Neto tanto distingue claramente, em “A renúncia impossível”, o “nada” do “zero”, como de imediato estabelece semelhanças, e não se tratou de senso ou lógica comuns, ou de contradição, nem sequer de retórica, como tantas vezes se acusa um discurso com que não se concorda ou não se aprecia. Na primeira parte do texto – “Negação” –, há versos que constituem o nó irradiador da tensão semântica que acompanha a descrição histórica dos horrores perpetrados contra os negros e, portanto, a crise trágica e traumática do ser e do sujeito:

Não sou. Não existo. Nunca fui.

Renuncio-me.

Atingi o Zero.

(...)

eu-Nada

vós-Tudo

(...)

Atingi o Zero

o Nada.

(...)

Cheguei ao Zero-Espaço
ao Nada-Tempo

A noção de Nada, com maiúscula, sofreu os apertos hermenêuticos ao longo dos tempos, mas continua indecifrável, tal como o ser. Esse Nada tem sido o *Horror vacui* e o *Horror nihili*, assim mesmo em latim, expressões roubadas precisamente para salientar a sua relativa antiguidade na consciência europeia. Eis, pois, o nome do Vago / Vazio e do Nada, que é Negação. O horror da não-existência, perante a (in)comensurabilidade da matéria e do tempo, está intimamente relacionado com a importância da interrogação sobre o Ser, que, como se disse, é, em substância, a interrogação sobre a existência do acontecimento e sua multiplicidade infinita, que gera a implausibilidade de compreender a totalidade. Em Neto, explicitamente, o zero situa-se mais na aproximação à noção de espaço (em conformidade com o conjunto vazio), enquanto o nada está inserido na cadeia da temporalidade, de um ser que não se realiza nunca. Mas há outras hipóteses.

Escreve o físico teórico José Ignacio Latorre (2016) que “receamos as trevas, o silêncio, a solidão”. A eternidade e o infinito compensam a falta, a falha, a ausência e a inexistência, através das religiões, da razão crítica ou da crítica da razão, das lutas intelectuais e também sociais. O Nada que ele descreve, percorrendo a história das suas formulações, é multifacetado, imprevisível, inapreensível, mas, por outro lado, apresenta-se muito instigante, atrativo e amedrontador (usando aqui a sua argumentação), como não-existência, que se diferencia do vácuo, este pela ausência de qualquer entidade no espaço. O elenco de variedades é impressionante, mas, para manter o foco, retenha-se a reflexão existencialista (em que o Nada provoca náusea), o Nada matemático (em que o zero é definido como a ausência de outro número) e a noção de conjunto vazio ou conjunto nulo (outra designação para a não-existência), até ao vácuo quântico (o qual se des/multiplica em vácuo forte, fraco e quebrado), assim podendo, então, afirmar que a linguagem matemática, a linguagem da física e a linguagem poética se intersectam ou confluem para o enigma infinito e a beleza da liberdade livre. Como diz Latorre (2016: 59-60), explicando o teorema de Gödel e, em simultâneo, a célebre frase dita por Hamlet, “em certo sentido matemático, ser ou não ser é indecível”, porque num sistema formal haverá sempre proposições que podem não ser nem verdadeiras nem falsas. Ou, como dizem as vozes populares, antes de

ser, já o era, porque o nada nunca retirou potência e força, energia e vitalidade ao ser que da memória colhia o testemunho dos ancestrais e a capacidade de criar acontecimentos, sempre.

A ironia no poema, que mostra como o sujeito poético tenta descrever e abarcar uma totalidade a que não tem acesso, ser negro na totalidade dos discursos que o engendram. Como se o discurso ensaiasse todas as formas de denúncia e, por conseguinte, de ação e pensamento dos dominadores coloniais sobre os negros, para afirmarem, ao longo dos séculos, a consciência deles reduzida a Nada, o que significa a negação da sua condição humana, da sua humanidade.

Desde Descartes, até à primeira vaga da fenomenologia de novecentos ou ao pensamento sartreano, a consciência é uma relação do sujeito com aquilo que é pensado, não propriamente com uma hipótese de realidade externa. Sartre afirmou, segundo a interpretação de Vergílio Ferreira, seu prefaciador extenso, que a consciência é um “nada”. Porém, Sartre afirma, em *O ser e o nada, ensaio de ontologia fenomenológica*, que “a negação aparece sobre o fundo primitivo de uma relação entre o homem e o mundo; o mundo não revela seus não-seres a quem não os colocou previamente como possibilidades” (SARTRE, 1997: 47). É o caso de Alexandre Kojève, por exemplo – menos conhecido do que Edmund Husserl, Martin Heidegger e Jacques Lacan – que colocou o problema do não-ser contrastando a ontologia do *ego* com o arrojado do *inexistente* (o nada), ao contrariar a célebre afirmação de Descartes, quando escreve, com certo humor filosófico: “penso, logo ‘eu’ não existo”. Kojève, cujos cursos Jacques Lacan seguiu, sobre a (não) separação entre o ser e o agir, buscava explicações sobre a consciência de si, do saber absoluto, do reconhecimento, do desejo, da satisfação, da consciência infeliz ou da consabida dialética hegeliana do senhor e do escravo, para uma geração que, antes da Segunda Guerra Mundial, se encontrava atormentada com o aparecimento das ditaduras, das guerras catastróficas e do culto de Nietzsche de um super-homem ou de Heidegger do “ser-para-a-morte”, o que correspondia a uma enorme negatividade quanto à possibilidade de resistência e felicidade (cf. ROUDINESCO, 2008: 123-129 e 141-144).

Husserl e Heidegger entendiam o conhecimento como inexistente fora do sujeito que o pensava e, por outro lado, mostravam as faltas ou ausências do ser, as suas aberturas ao irracional, ao impensável / impensado, que desem-

bocava na fratura da harmonia bergsoniana do eu e abria para o nada sem transcendência. Husserl escreveu:

Eu sou-me, numa experiência evidente, constantemente dado como *eu-mesmo* (...) o *ego* monádico concreto contém o conjunto da vida consciente, real e potencial, é claro que o problema da *explicitação fenomenológica deste ego monádico* (o problema da sua constituição por ele mesmo) *deve abraçar todos os problemas constitutivos em geral*. E, no fim de contas, a fenomenologia desta constituição de si por si mesmo coincide com a *fenomenologia em geral* (Husserl, 2001: 118-119).

Husserl explicava a possibilidade de compreender a formação do ego como uma resposta aos acontecimentos fora dele:

o facto de que uma natureza, um mundo da cultura e dos homens, com as suas formas sociais, etc., existem para mim, significa que as experiências correspondentes são possíveis para mim, quer dizer, independentemente da minha experiência individual destes objetos, eu posso, a qualquer momento, realizá-los e desenrolá-los num certo *estilo sintético* (HUSSERL, 2001: 129).

Agostinho Neto executa, nesse estilo sintético, a reconstrução do sujeito e do ser individualizado com possibilidade de experienciação pelo coletivo que o pudesse ler. Tal exercício filosófico-poético buscava, pois, a improvável totalidade.

O senso de finitude humana e cósmica surgia como impossibilidade de pensar o coletivo e sua vontade de representação, como queria Schopenhauer, além da sua vontade de organização e realização contra o caos e a catástrofe, que, note-se, na teoria respetiva, têm o condão de refazer e restaurar o denominado *real*, outro nome da esquiva *totalidade*. Esse pensamento obtinha uma formalização na teoria do zero, de Frege, e que Lacan concebia o sujeito como estando no lugar do zero, como se fosse uma falta, ambos excluindo a consciência da definição do sujeito (ROUDINESCO, 2008: 457). Lacan falava da epifania ou sintoma da criação, patente numa fala quotidiana, num gesto, numa frase memorável, onde pode surgir o “esplendor do ser” (idem: 502).

Na versão mais completa e melhor de “A renúncia impossível”, a curta parte final, chamada “Afirmção”, ultrapassa a sintomatologia da negação

exposta pelos conceitos implícitos de “nada” e de “zero”, para concluir com a afirmação explícita do princípio de liberdade e independência, desautorizando a construção que os brancos tinham feito dos negros com imagens de inferiorização e anulação, abjeção e objetificação. Em 1949, ano da escrita de “A renúncia impossível”, esses filósofos e teóricos aqui expostos, “os clássicos do fim”, como adverte Jacques Derrida,

formavam o cânone do apocalipse moderno (fim da História, fim do Homem, fim da Filosofia, Hegel, Marx, Nietzsche, Heidegger (...), os acrescentos do próprio Kojève). Estava ali, por outro lado, e indissociavelmente, o que sabíamos ou o que alguns de nós desde há muito tempo não ocultavam a si mesmos sobre o terror nos países do Leste, sobre os desastres socioeconômicos da burocracia soviética, sobre o estalinismo passado ou o neoestalinismo então vigente (...). Tal foi, sem dúvida, o elemento em que se desenvolveu o que se chama a desconstrução (DERRIDA, 1998: 28-29).

O “zero” é definível como “valor nulo” ou “conjunto vazio” na matemática, o que pode pensar-se que tende, de certa maneira, também para uma não-existência, como aliás, afirma Alain Badiou: “o vazio deixa de ser o eclipse do sujeito, ficando do lado do ser, do mesmo modo que o acontecimento convoca, através de uma nomeação interventiva, a errância em situação” (BADIOU, 2018: 473). O zero existe e funciona, não como nada, mas como ser desamparado por não ter companhia. Esse **ser ou não ser, que é também matemático**, depois que Godel chegou ao seu célebre teorema, não acarreta necessariamente uma decisão shakespeariana ou netiana, uma dicotomia enganadora e angustiante, porque nem todo o axioma, nesse campo dos números e equações, é verdadeiro ou falso. Alain Badiou, no livro *L'être et l'événement*, na sua “meditação 29”, aborda o ser segundo uma perspectiva de construtibilidade, de conjunto construtível, de absolutidade, e do não-ser absoluto do acontecimento perante a soberania da língua.

Badiou usa uma construção, linguagem e teorização lógicas com base em teoremas matemáticos, lógicos, digamos que arquitetônica e poeticamente implacáveis – seguindo Cantor na teoria dos conjuntos e Godel no teorema da verdade / falsidade –, de que

ao pé do muro do ser, a ontologia sábia, ou construtível, é (...) ascética e perseverante. O gigantesco trabalho pelo qual ela refina a língua e faz passar nos

seus filtros subtis a apresentação da apresentação (...), depois de Godel (...), é justamente admirável. Temos ali uma visão mais clara, porque a mais complexa e a mais precisa, daquilo que é pronunciável do ser-enquanto-ser sob a condição da língua e do discernível (BADIOU, 2018: 343).

O filósofo francês explica que, neste filosofar de base lógico-matemática, “a delimitação do não-ser resulta de um enunciado explícito e inaugural” (BADIOU, 2018: 337), para concluir, supondo que se trata de conclusão, que “a existência do indiscernível” é “o poder dos nomes”, ou da palavra, pelo que, estando em presença de um “golpe de teatro” indemonstrável, voltamos à palavra que se faz carne, metáfora do ato. Por isso é que ele, no seguimento de Cantor e Godel, como também explica Latorre, chama ao “vazio, nome próprio do ser” (BADIOU, 2018: 193). Ser ou não ser, convém repetir, pode ser indecidível, mostrou Godel.

Alain Badiou, tal como em relação ao ser, recusa a história como absoluto, argumentando, contra o absolutismo de certas totalidades e utopias centenárias, porque “podemos pensar a *historicidade* de certos múltiplos, mas não podemos pensar *uma* História. As consequências práticas – políticas – desta conceção são consideráveis, porque elas comprometem-se com uma topologia diferencial da ação. A ideia de uma mudança na qual a origem seria um estado da totalidade é imaginária. Toda a ação transformadora radical origina-se *num ponto*, que é, no interior de uma situação, um lugar de acontecimento” (BADIOU, 2018: 196-197).

O ser, no poema de Neto, engloba o não-ser, ou seja, o nada, o vazio e o zero. Houve um facto trágico que abalou a consciência do jovem Neto e o motivou para a escrita do poema, 10 anos mais tarde, entre tantas outras motivações que aconteceram durante o seu crescimento intelectual. Foi o suicídio, ocorrido em 1938, em Luanda, de um jovem intelectual negro, Jorge Neto, de origem são-tomense, vítima de racismo, que contribuiu, portanto, para o acontecimento do discurso (conforme testemunho de Maria Eugénia Neto). O que Freud e Lacan não diriam desta coincidência do nome! Hipoteticamente, o fantasma fabricando a revolta. Essa foi, com certeza, uma motivação poética por via desse facto que provocou um choque enorme e que foi relatado pela imprensa daquele ano, que Mário António Fernandes de Oliveira recuperou na sua tese de doutoramento e também Óscar Ribas rememorou, tanto na sua autobiografia, quanto na entrevista a Michel Laban, tendo ainda

Uanhenga Xitu usou o trauma na sua narrativa *O ministro*. Tais factos – acima de toda a suspeita – podem ser considerados tangenciais ao cerne fenomenológico do poema: este é que cria o seu próprio sujeito e dele decorre o ser que ali é discutido. Não há explicação positivista para o acontecimento irrepetível de ser significante.

O zero absoluto talvez seja o “zero kelvin” da temperatura hipernegativa, onde as partículas de gás não apresentam movimento, não têm energia cinética. Com ironia, Agostinho Neto desenha no seu poema o estado de zero absoluto como componente do ser negro, em que atingiu, na sua vida, o nada, o que é semelhante ao vácuo quântico. Desse modo filosófico e estético, Neto conseguiu retratar a situação de ser negro, dos seres negros, de serem vistos – sobretudo pelos brancos, o que aqui importa – como tendo a pele preta e, portanto, não sendo. Pela hipertrofia / hiperbolização, apresenta um panorama descritivo que resulta em força de acusação e expõe uma violência estética, com palavras simples e certeiras, quase como na arte *povera*, sobre um novo ser humano, que impõe uma cruel vitória sobre a dominação e a sua história, ambas obrigadas a repensar a sua própria condição de poder e narrativa.

Naquele contexto, o da passagem do nativismo netiano juvenil pelas malhas do neorrealismo, pan-africanismo e negritude, temperado pelo marxismo, como fenómenos do percurso e do discurso da luta de libertação, convém interpretar esse texto como integrante dessa luta de libertação enquanto **tripla ação**: a da **análise** do sujeito negrificado (social, histórica, psicológica, cultural) e da respetiva violência sobre ele, que, assim se mostrando à sociedade e demonstrando o seu lugar e posicionamento, é devolvida ao opressor (como **antítese**), legitimada pela ausência de diálogo, a que se opõe o resgate das tradições culturais através da transformação pela aprendizagem, sendo essa violência anticolonial, por si só, reconstrutiva e emancipatória, tornando-se legitimadora de uma nova ordem ideológica e política, numa **síntese** afirmativa. Sublinhe-se que é uma violência discursiva, porque o negro, como quer apresentar / representar a totalidade da violência, passa a usar a palavra contra o seu silenciamento, transforma essa substância e a sua formação poética numa **ata política** ou, mais precisamente, num *speech act* performativo (cf. John Searle), num **ato de fala política**, ou, melhor ainda, num verdadeiro **ato político**, de reconhecimento do sujeito e do ser que se

apresentaram, mas que, até 1982, ficaram silenciados na tinta verde e frágil do papel inédito.

Pode-se alinhar esse poderoso discurso com outros tão diversos de outras épocas, culturas e línguas, ao depararmos-nos com a mesma vontade e determinação de ser e assumir a política da poesia. Desde logo, um Percy B. Shelley, autor de *A máscara da anarquia*, escrito sobre o massacre de Manchester, seguido de *Cinco poemas de 1819*. Há o incontornável poeta turco referido por Neto, Nazim Hikmet, que escreveu, por coincidência, em 1948: “E se há tanta miséria sobre a terra / é graças a ti, meu irmão”. Depois, Ho Chi Minh, com *Diário do cárcere*, que foi traduzido para italiano por Joyce Lussu, que também traduziu Neto. E, muito recentemente, Layli Long Soldier, com o livro *Whereas* (= Enquanto que), poemas de uma indígena norte-americana, de que retiro uma frase sintomática: “I read an article in the *New York Times* about the federal sequestration of funds from reservation programs, the cuts” (SOLDIER, 2017: 84) (Leio um artigo no *New York Times* acerca do sequestro federal de fundos dos programas das reservas, os cortes). São exemplos de poesia de resistência, engajada, comprometida com os temas sociais e políticos. Agostinho Neto amplifica a capacidade de ser e torna-se assertivo na segunda parte do poema, pequeníssima parte, mas de uma “Afirmção” abrangente e concludente:

Eu-todos nunca me negarei
nunca coincidirei com o nada
(...)
O meu lugar está marcado
no campo da luta
(...)
Eu sou. Existo.
(...)
Sou um valor positivo
da Humanidade
e não abdicó,
nunca abdicarei!

Seguirei com os homens livres
o meu caminho
para a Liberdade e para a Vida.

Neto teve a ousadia de pensar fenomenologicamente, existencialmente e psicologicamente o processo de passagem de o “não-ser” do negro dominado, como sendo um “zero”, mais do que um “nada” que ao ser pertencia, à tomada de consciência negra, à sua reconstrução, enquanto processo psíquico, ideológico e político de empoderamento, no contexto de positividade que a sua Geração de 50 conseguiu criar nas colónias, em Portugal e no mundo, onde quer que os negros fossem silenciados, senão esmagados. Sabemos, com Heidegger e Sartre, que o “ser ou não ser”, de Shakespeare, repetido *até à náusea*, e note-se aqui a graça e a potência do lugar-comum, tal como o não-ser e o ser de Neto, são o verbo que, pela ação, se transforma em carne, como consta do texto bíblico – *ao princípio era o verbo*. Ou, então, podemos dizer de outro modo, que é o modo do Outro, o sábio dogon Ogotemmêli, cego e visionário:

a Terra tinha uma linguagem, a primeira deste mundo, a mais rude de todos os tempos. Sintaxe elementar, verbo raro, vocabulário sem graça. As palavras eram sopros pouco diferenciados, mas portadoras de força. Tal e qual, a palavra sem nuances convinha aos grandes trabalhos dos começos. (...) O seu papel era de organização: ela era, pois, uma coisa boa; portanto, ela desbloqueava, desde logo, a desordem (GRIAULE, 1987: 28-29).

As palavras de Neto foram simples e aparentemente diretas à mente e sentimento dos indivíduos e da coletividade, para um começo de pátria e de resgate do verbo pelos colonizados, mas não se pode dizer que a sua dialética aparecesse com facticidade e transparência: não havia qualquer facilidade em ser-se e ele sabia, por certo, que poderia ser mal interpretado. Daí que o texto se tenha tornado resistente à leitura.

Como disse Ogotemmêli, fraseado compreensível enquanto fundação da palavra, lenta e trabalhosa construção do discurso, que transforma o ser, através do fazer, da sua articulação (do discurso) nas relações sociais, num verdadeiro ser humano. Ou seja, o ser contém o não-ser e não existe contradição, nem aporia, tal como em Heidegger ou no teorema de Godel. Isto aproxima-se do dito popular “com a verdade me enganas” ou, de outro modo, apresentas-me a verdade com o fundo falso de um teorema. Acresce que Neto deu o título de “Náusea” a um conto nada absurdo, nem niilista ou negativista, publicado na revista *Mensagem* angolana. Sabe-se que hesitou no título e nem sequer simpatizava com ele, mas não o mudou. Assim permane-

ceu na letra como sintoma do tempo, das grandes aprendizagens nos debates que havia, em que podemos concluir sobre a náusea da alienação e da queda do colonizado, que, no entanto, conseguiu reerguer-se, tanto no conto quanto na história da libertação. Frantz Fanon viria a escrever, depois de Agostinho Neto: “Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou-se, dando lugar a um esquema epidérmico racial (...) A náusea... (...) descobri a minha negridão (...) transporte-me para longe, muito longe do meu ser, aí constituindo-me objecto” (FANON, 2022: 108).

A requalificação do ser negro, passado este tempo, reencontra-se com o problema do neoliberalismo e de novas ortodoxias, desde o fim da história à pós-modernidade problemática, que Alain Badiou escalpelizou cirurgicamente:

os rapazes de Chicago, à sua maneira, procuravam fazer com que a verdade desaparecesse, e com ela o sujeito que ela autorizava. Eles situavam-se num espaço, histórico e geográfico, onde nenhuma fidelidade aos acontecimentos, em que Freud, ou Lenine, ou Cantor, ou Malevitch, ou Schoenberg eram os intervenientes, seria praticável de outra maneira senão sob as formas inoperantes da dogmática ou da ortodoxia. Nada de genérico seria suposto neste espaço. (...) só o acontecimento autoriza que o ser, aquilo que se chama o ser, funde o lugar finito de um sujeito que decide: ‘tendo o Nada desaparecido, resta o castelo da pureza’ (BADIOU, 2018: 475).

Por direito inalienável, enquanto lugar de purificação, “A renúncia impossível” entra para a história da interrogação de ser negro e sua alienação, dos traumas da sua negação transformada em fantasma que habita o ser, da reconstrução de uma nova personalidade sobre as brasas ardentes e as cinzas de não-ser, o qual, em conclusão, inclui na sua constituição o Nada, que é também pertença da totalidade desse sujeito / ser renascido enquanto outro nesse processo de cura individual e coletiva, que o discurso soluciona.

Deve vincar-se com clareza que a poesia de Agostinho Neto foi realmente uma “arma da teoria”, da cura psicológica, da redefinição da noção de ser e recriação dos sujeitos e do sentido coletivo dos negros na sua afirmação anti-colonial, antirracista e anticapitalista. Ou seja, o estatuto e a potência da sua poesia não deixam de surtir efeitos comparáveis aos da teoria-teoria. Esta formulação opõe-se claramente, portanto, às que continuam a surgir, ainda hoje, com o preconceito bastante generalizado, quanto à teorização poética,

de que à poesia não convém que contenha argumentação política, social ou filosófica, e de que Agostinho Neto, por questões políticas e de produção teórica, não deveria entrar nas enumerações das personalidades que criaram discursos políticos, teóricos ou culturais marcantes da sua geração, quanto aos universais e particularidades dos negros, contra o imperialismo, o colonialismo e o capitalismo. É, por isso, que se deveria adotar a expressão “Geração de 50”, por ser mais inclusiva e menos personalista, e não aquela que se costuma apresentar como designadora da “Geração de Cabral”, e não está aqui em causa o legado inestimável do líder guineense.

O poema de Agostinho Neto, hoje, à luz do seu contexto e da história da literatura e das ideias, tanto quanto da história do MPLA e da história de Angola, ganha um estatuto de ícone incontornável e imorredoiro, uma verdadeira peça de antecipação ao Manifesto de 1956 e à teoria fanoniana da desalienação coletiva e da cura psíquica dos negros. Tal como Aimé Césaire, Agostinho Neto antecipa Frantz Fanon, o que é, no mínimo, um feito intelectual marcante, que torna caduca a ideia peregrina de que a postura de Agostinho Neto teria contribuído para engendrar o “anti-intelectualismo como fenómeno recorrente no seio do MPLA” (MABEKO-TALI, 2019: 180). Esse poema, se o analisarmos como **documento histórico e político** que é – e muitos historiadores têm enorme dificuldade nisso –, não pode continuar a ser ignorado enquanto monumento, feito em 1949, para a edificação da estratégia teórica e da prática da fundação do Estado-Nação e da luta a favor dos negros de todo o mundo.

Bibliografia

- ANZIEU, Didier (2011). *El cuerpo de la obra. Ensayos psicoanalíticos sobre el trabajo creador*. México: Siglo Veintiuno.
- BADIOU, Alain (2018). *L'être et l'événement*. Paris: Seuil.
- BOURDIEU, Pierre (1996). *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*. Paris: Seuil.
- CAMUS, Albert (s/d). *O homem revoltado*. Lisboa: Livros do Brasil.
- CIORAN, Emil (2022). *Breviário de decomposição*. Lisboa: Ed. 70.
- DENIS, Benoît (2000). *Littérature et engagement. De Pascal à Sartre*. Paris: Seuil.

- DERRIDA, Jacques (1998). *Espectros de Marx. El estado de la deuda, el trabajo del duelo y la nueva internacional*. Madrid: Trotta.
- FANON, Frantz (s/d). *Os condenados da terra*. Lisboa: Ulisseia (c. 1964-66).
- FANON, Frantz (2022). *Pele negra, máscaras brancas*. Lisboa: Letra Livre.
- GRIAULE, Marcel (1987). *Dieu d'eau*. Paris: Fayard.
- HEIDEGGER, Martin (1998). *Introduction à la métaphysique*. Paris: Gallimard.
- HORKHEIMER, Max (2000). *Teoría tradicional y teoría crítica*. Barcelona: Paidós.
- HUSSERL, Edmund (2001). *Méditations cartésiennes. Introduction à la phénoménologie*. Paris: Vrin.
- JIKA, Comandante (1976). *Reflexões sobre a luta de libertação nacional (outubro de 1971)*. Luanda: MPLA / DOP.
- KAUFMANN, Pierre (org.) (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar (imp. em 2013).
- LABAN, Michel (2000). “Da negação à afirmação”. In MATA, Inocência e PADILHA, Laura (org.). *Mário Pinto de Andrade, um intelectual na política*. Lisboa: Colibri, pp. 87-99.
- LACAN, Jacques (1990). *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (org. Jacques-Alain Milner). Paris: Seuil.
- LACAN, Jacques (1999). *Écrits I*. Paris: Seuil.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1979). *Vocabulário de psicanálise*. 5.ª ed. Lisboa: Moraes.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (2009). *Vocabulaire de la psychanalyse*. 5.ª ed., 2ª imp. Paris: PUF.
- LARANJEIRA, Pires e ROCHA, Ana T. (org.) (2014). *A noção de ser. Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*. Luanda: FAAN.
- LATORRE, José Ignacio (2016). *O nada ou o vácuo quântico*. Lisboa: Atlântico Press.
- LÉVINAS, Emmanuel (1990). *Autrement qu''être ou au-delà de l'essence*. Paris: Le Livre de Poche / Kluwer Academic.
- LÉVINAS, Emmanuel (2010). *Totalité et infini. Essai sur l'extériorité*. Paris: Le Livre de Poche / Kluwert Academic.
- LÉVINAS, Emmanuel (2016). *Entre nous, Essais sur le penser-à-l'autre*. Paris: Le Livre de Poche / Grasset.
- MABEKO-TALI, Jean-Michel (2019). *Guerrilhas e lutas sociais. O MLPA perante si próprio. 1960-1977. Ensaio de história política*. 2.ª ed. ver. e ampl. Lisboa: Mercado das Letras.
- MANJATE, Teresa; DIOGO, Rosália; LOBO, Almiro (2014). *Literatura: neutra ou engajada?* Lisboa: Escolar Editora.
- MATA, Inocência; PADILHA, Laura (org.). (2000). *Mário Pinto de Andrade, um intelectual na política*. Lisboa: Colibri.

- MATTÉI, Jean-François (2015). *Heidegger, l'énigme de l'être*. 2.^a imp. Paris: PUF.
- MBEMBE, Achille (2014). *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona.
- MELO, Adélio (2000). *A aventura moderna das ideias. Descartes, Locke, Kant, Nietzsche*. Porto: Rés.
- MIJOLLA, Alain de; MIJOLLA-MELLOR, Sophie de (2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- MINH, Ho Chi (2015). *Diário dal carcere*. Camerano: Gwynplaine.
- MORUJÃO, Carlos; PEREIRINHA, Carlos; FERNANDES, Catarina (org.). (2017). *Fenomenologia e psicanálise*. Lisboa: Universidade Católica.
- NATÁRIO, Maria Celeste; TEIXEIRA, A. Braz; EPIFÂNIO, Renato (org.) (2010.). *O movimento fenomenológico em Portugal e no Brasil*. Sintra: Zéfiro.
- NETO, Agostinho (1982). *A renúncia impossível. Poemas inéditos*. Luanda: INALD.
- NETO, Agostinho (2009a). *Sagrada esperança. Renúncia impossível. Amanhecer*. Luanda: UEA.
- NETO, Agostinho (2009b). *Sagrada esperanza*. Ed. bilingue. Org. Xosé Lois García). Havana: Sur.
- NETO, Agostinho (2016). *Obra poética completa. Sagrada esperança, Renúncia impossível, Amanhecer*. Luanda: FAAN.
- NETO, Eugénia (2001). *O soar dos quissanjes*. Lisboa: Vela Branca.
- NETO, Maria Eugénia (2016). *Cartas de Maria Eugénia a Agostinho Neto*. Luanda: FAAN,
- RIBAS, Óscar (1975). *Tudo isto aconteceu*. Luanda: Ed. do autor.
- RODRIGUES, Catarina Isabel Silva (2014). “*A renúncia impossível*” de Agostinho Neto, um novo discurso poético, intertextualidades e alcance pedagógico. Luanda: FAAN.
- ROUDINESCO, Elisabeth (2008). *Jacques Lacan. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RUSS, Jacqueline (1994). *Les théories du pouvoir*. Paris: Le Livre de Poche.
- SARTRE, Jean-Paul (s/d). *Esboço de uma teoria das emoções*. Lisboa: Presença, (1965?).
- SARTRE, Jean-Paul (1962). *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Presença.
- SARTRE, Jean-Paul (1999). *O ser e o nada. Ensaio de ontologia e fenomenologia*. 7.^a ed. Petrópolis: Vozes.
- SARTRE, Jean-Paul (2010). *O existencialismo é um humanismo*. 4.^a ed. Petrópolis: Vozes.
- SHELLEY, Percy B. (2008). *A máscara da anarquia seguido de cinco poemas de 1819*. Lisboa: & ETC.

SOLDIER, Layli Long (2017). *Whereas*. Minneapolis: Graywolf.

VARGAFTIG, Bernard (org.) (1994). *Poésies de résistance*. Paris: J 'ai Lu.

VERÍSSIMO, André (2003). *Emmanuel Lévinas. 1906-1995*. Porto / Gaia: Estratégias Criativas.

Nota:

Este ensaio começou a ser pensado, fundamentado com leituras e escrito há alguns anos (talvez em 2016 ou ainda mais cedo), muito antes de setembro de 2019, quando apresentei, nessa data, uma primeira versão muito reduzida, na inauguração da Cátedra Agostinho Neto, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a convite do Prof. Francisco Topa, e em que estiveram presentes representantes diplomáticos e familiares do poeta, com relevo para Maria Eugénia Neto e Dr.^a Irene Neto, responsáveis pela Fundação Dr. António Agostinho Neto, além de outros universitários, escritores e estudantes.

Durante a pandemia de COVID-19, permaneci durante um semestre em Belo Horizonte (dezembro de 2020 a abril de 2021), onde refiz esse primeiro texto, que foi apresentado on-line, em março de 2021, a um Colóquio da Universidade de Bordéus, a convite da Prof.^a Doutora Barbara dos Santos. Continuei a pensar o ensaio em Coimbra, até que, em março-junho de 2022, expandi o texto, para uma versão, que apresentei no Centenário de Agostinho Neto, em Luanda, em 21 de junho de 22, no Colóquio do Centenário, a convite da Prof.^a Doutora Maria do Rosário Bragança, Ministra do Ensino Superior, Ciência, Tecnologia e Inovação, e do Prof. Doutor Domingos da Silva Neto, Secretário de Estado para a Ciência, Tecnologia e Educação, aos quais agradeço o honroso convite. Agradeço igualmente a Boaventura Cardoso e Rosa Cruz e Silva, pelo apoio e gentileza que me têm prodigalizado.

Esta versão, com a mudança significativa do título, terminou em agosto de 2022, em Coimbra. Os meus agradecimentos muito especiais a Maria Eugénia Neto e Irene Neto, pelo apoio, incentivo e diálogo frutuosos, ao longo do tempo, bem como aos diplomatas, funcionários e amigos das instituições angolanas ou ligadas a Angola, tanto em Luanda como em Lisboa, Porto e Coimbra. Finalmente, uma última palavra de agradecimento ao Dr. Bento Monteiro, da Casa de Angola, em Coimbra, que, desde há cerca de duas décadas, sempre me tem convidado para ser honrado participante em palestras, colóquios e outras intervenções, em datas relacionadas com África, Angola e Agostinho Neto.

Tenho a clara percepção de que o texto está distante ainda de um estudo acabado; torna-se necessário desenvolver a reflexão a partir das extensas, densas e inovadoras propostas de Alain Badiou sobre o sujeito, o ser e o acontecimento, em que ele avança para lá de Lacan, usando a lógica e a matemática.

A poesia de Agostinho Neto na Espanha

e outros anexos

Xosé Lois García

Resumo: O autor passa em revista o trabalho de tradução e divulgação da poesia de Agostinho Neto em Espanha, salientando as dificuldades iniciais decorrentes da ditadura que então vigorava. Refere-se também ao papel que lhe coube desempenhar nesse processo, paralelo ao da divulgação de outros poetas e autores de Angola e dos restantes países africanos de língua portuguesa.

Palavras-chave: Agostinho Neto; Espanha; em espanhol.

Abstract: The author reviews the work of translating and disseminating Agostinho Neto's poetry in Spain, highlighting the initial difficulties arising from the dictatorship that was in force at the time. He also refers to the role he played in this process, parallel to that of promoting other poets and authors from Angola and other Portuguese-speaking African countries.

Keywords: Agostinho Neto; Spain; in Spanish.

No que interessa à análise da presença do Dr. António Agostinho Neto e da sua poesia na Espanha, direi que a sua personalidade política e literária, estava interessadamente silenciada pela censura franquista. As notícias que se davam no Estado espanhol, sobre o conflito armado em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique eram notícias falsificadas e favoráveis ao regime salazarista. O general Franco tinha estabelecido uma censura que não admitia temas que lesionaram os interesses de Salazar nas colónias portuguesas em África. Por exemplo, quando os meios de informação davam uma notícia política sobre Agostinho Neto, dizia-se que era poeta, dando-lhe uma ênfase pejorativa. E quando falavam dele como poeta referiam-se que era um perigo guerrilheiro comunista. Resultou curioso quando Agostinho Neto, Amílcar Cabral e Marcelino dos Santos foram recebidos no Vaticano por Paulo VI em 1970: os restringidos médios de comunicação espanhóis diziam

que o papa tinha recebido a três poetas terroristas e não a três dirigentes dos Movimentos de Libertação Nacional da África colonial portuguesa.

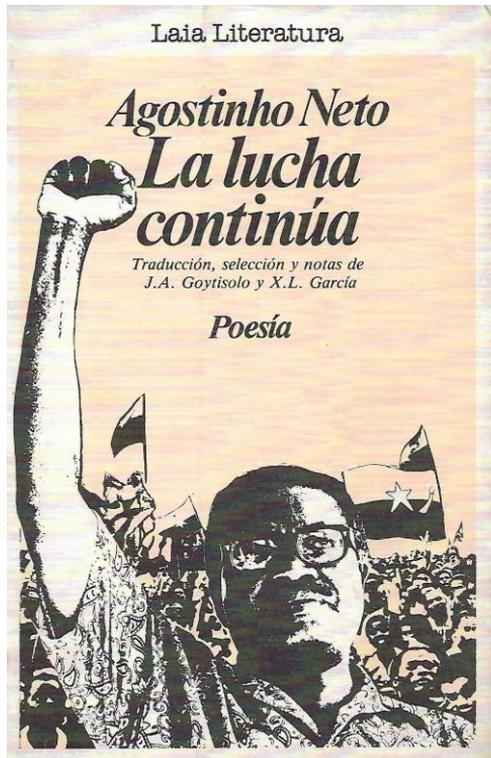
Em este tema, tentarei esclarecer minimamente a impossibilidade de introduzir a literatura destes países africanos na península Ibérica, sob as ditaduras de Franco e de Salazar. No primeiro lustro da década de 1970, estes dois regimes começaram a perder o rumo e a força totalitária. Em 1972, a Editorial Fundamentos publicou uma pequena antologia, titulada *Poesia de la Negritud*, da autoria de Publio L. Mondejar, na qual aparecem dezesseis poetas africanos, e no que faz aos poetas de expressão portuguesa, estão Agostinho Neto e José Craveirinha. Mondejar, em este livro, analisou vários esquemas das diversas literaturas africanas: evoluções, contrastes, impactos e, também, fala da poesia como arma contra o colonialismo. Esta pequena antologia – para nós os jovens militantes antifranquistas sometidos a represálias – entendemos que estes poemas vindos da África que lutava pela sua libertação nacional representavam uma nova conquista de direitos democráticos. Aquela maneira de alterar, mentir e negar a realidade por parte dos poderes militares foi algo que, pessoalmente, preocupou-me o caso de endireitar a verdade sobre estes protagonistas da independência dos países africanos.

Após do 25 de Abril, em agosto de 1975, visitei o Porto, onde encontrei e merquei a obra prima de Agostinho Neto: *Sagrada Esperança*, edição de Sá da Costa. Mais tarde entrei em contato com duas pessoas que fizeram a tropa em Angola: Pires Laranjeira e Vergílio Alberto Vieira que me aportaram muita informação. Para mim foi um grande impacto e uma descarga emocional ao ler esse poemario. Dei-me conta que Agostinho Neto não só falava contra a situação opressiva de Angola, também de todo o mundo oprimido. As ditaduras nos países como a Galiza sob o franquismo, Portugal e as suas colónias baixo o ditame salazarista e o Brasil com outra ditadura militar. E dizer, tudo o bloque de países de língua portuguesa tinha ditaduras.

Quando regressei a Barcelona traduzi *Sagrada Esperança* ao espanhol, coincidia com a morte de Franco, novembro de 1975. Criou-se uma grande euforia de liberdade no Estado espanhol e de publicações proibidas. Mas *Sagrada Esperança* teve problemas com os editores, eles ignoravam a Agostinho Neto como poeta, era conhecido mais como político e libertador. A minha oferta não teve êxito. Os editores, no aspecto comercial, não estavam

demasiado atraídos por um autor africano dessas características, político e poeta. A morte de Agostinho Neto em setembro de 1979, foi muito noticiosa nos meios de comunicação espanhóis, que falaram muito do político e, também do enorme poeta. Em 1979 publiquei em *Hora de Poesía*, de Barcelona, uma biografia com 10 poemas de Agostinho Neto. Todas estas notícias levaram à Editorial Laia de Barcelona a reconhecer o poeta nacional de Angola e retomar a minha oferta para publicar uma escolha importante da maioria dos poemas do presidente Neto. Devo dizer que o sucesso de publicação foi surpreendente tanto pelo êxito editorial como pela crítica favorável. Ao pouco tempo a edição desapareceu do mercado espanhol, dado que uma distribuidora cubana mercou quase toda a edição para ser distribuída em Cuba.

Esta edição de *Sagrada Esperança*, foi entendida na Espanha como um poemário clave e distinguido no que se refere às aspirações, esperanças e certidões de qualquer povo que aspira à liberdade. Poesia de intervenção em várias das suas leituras: exaltar valores negados e eliminar qualquer usurpação imperante em Angola. Esta poesia insurgente de Agostinho Neto constata como o homem comprometido com a luta de libertação, o médico, o revolucionário, o estadista, o primeiro presidente de Angola, foi capaz de configurar uma magna obra humanista com vários



perfis extraídos da opressão e, também, da luta de Libertação Nacional, desde a década dos quarenta do século passado até a dos setenta. Por tanto, considero que *Sagrada Esperança* é um dos mais intensos documentos da epopeia africana. Na qual radica a grandeza intemporal de Agostinho Neto, na

que flui a plenitude e a pulsação da épica liberadora, o sentimento amoroso e o tom elegíaco. Em *Sagrada Esperança* conta-se a história da dignidade coletiva de Angola, e consagram-se as razões contra a violência dos poderosos, quando um povo é capaz de construir com sacrifício e sangue o seu destino transcendente.

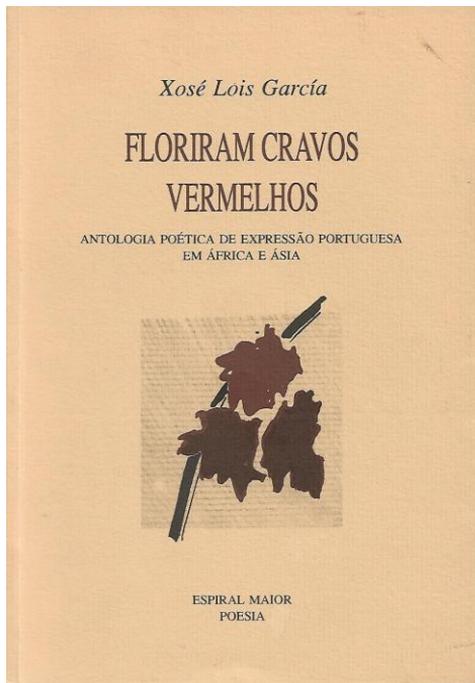
Servidor, em estes momentos, ficaria muito livre se não tivesse que falar de mim mesmo, porque posso dar a impressão de que venho a este fórum com ego exaltador e prepotência desmedida para pôr-me um florilégio imerecido como aureola. Desculpem, mas vou dizer algo emocionante, para mim, como descoberta que véu propiciada pela tradução de *Sagrada Esperança*: saíram da mesma estudos e conferências como “A Bíblia em *Sagrada Esperança*”, pronunciada em esta Universidade do Porto, em um Congresso dedicado a Agostinho Neto em 1987, e publicada aqui em Portugal e, também, lida na União dos Escritores Angolanos em 1990. “A medicina em *Sagrada Esperança*”, conferência publicada na Catalunha. “A música e a dança na poesia de Agostinho Neto”, conferência pronunciada em vários lugares da Galiza, Catalunha, Cuba e na Universidade Federal de São Paulo que propiciou a doutora Tania Macêdo. Também “A luz e as fogueiras na poesia de Agostinho Neto”, publicada em uma revista da Faculdade de Letras Portuguesas de uma Universidade dos EE. UU. Por último, o estudo e conferência pronunciada na Embaixada de Angola na Habana e na Universidade da Habana, titulada: “O homem e a data”, referida a Agostinho Neto e ao 4 de fevereiro de 1961.

Em esta minha vocação divulgadora da obra poética do presidente Neto em Espanha e noutros lugares, havia um projeto um bocado ambicioso de publicar a poesia completa dele, com editora já comprometida na Galiza, edição bilingue, português espanhol. O tema torceu-se por problemas autorais.

As literaturas da África negra, na época da descolonização, que coincide no tempo, com os quarenta anos da ditadura do general Franco, na Espanha não havia possibilidades de espalhar o que estava acontecendo na escrita desses países colonizados. Entanto, podemos dizer que a Espanha tampouco teve grande interesse por entrar na nomenclatura do que acontecia com a literatura e menos com a poesia transaariana. Talvez porque não tinha colônias em este espaço. Só um pequeno território chamado Guinéa Equatorial

Espanhola, que utilizou para roubar as suas madeiras e proteger o analfabetismo e o obscurantismo por médio de métodos despóticos. Pelo demais Espanha não teve colônias nem interesses económicos como teve a presença colonial portuguesa desde os tempos do Infante Don Henrique. Os interesses da Espanha estavam virados para a África ocidental e mediterrânea. Setecentos anos da presença árabe na península Ibérica, pesavam e ainda pesam. Por tanto, os grandes estudos por parte de filólogos, estudiosos críticos da literatura árabe no Al-Andalus e do norte da África muçulmana, possibilitaram desatender o que acontecia além da África transaariana.

Voltando a Agostinho Neto, como tema de interesse no que faz a publicações no território mal chamado espanhol, em 1988 publica-se em Barcelona uma antologia em catalão de Josep Maria Llompar, titulada: *Poesia gallega, portuguesa i brasileira moderna*. Na última parte, dedica um apartado que titula: “Negritude” que a conforma com a presença do poeta são-tomense, Francisco José Tenreiro e tres angolanos: Agostinho Neto, António Jacinto e Viriato da Cruz. Os três grandes da Geração de *Mensagem*. Uma antologia com deficiências técnicas ao que faz sobre outros autores da “Negritude” nos países africanos de língua portuguesa, como José Craveirinha e Noémia de Sousa.



Na altura das minhas quatro viagens a Angola, 1990, 92, 95 e 97, salientaram-se vários temas de interesse literário para a Galiza, no que se espalharam muitos temários nos jornais galegos. Começando com artigos sobre Agostinho Neto e a Geração de *Mensagem*, unha entrevista aos novos poetas, Ana Paula Tavares, João Maimona e Lopito Feijóo, também uma longa entrevista a Pepetela no *Correo Galego*. Em 1992, publica-se na Galiza uma

antologia bilingue da minha autoria, titulada *Poemas a la Madre África (Antología de la Poesía Angolana del Siglo XX)*. Começa por Agostinho Neto e termina com Lopito Feijóo. Em 1993 publica-se na Galiza em português: *Floriram Cravos Vermelhos (Antologia poética de expressão portuguesa em África e Ásia)*, com seis poetas angolanos encabeçados por Agostinho Neto. Em 1995, a União dos Escritores Angolanos, publica um estudo meu sobre o pensamento e a obra de António Jacinto, titulado “Jacinto: a luta do poeta-guerrilheiro contra a alienação”, onde a presença de Agostinho Neto está muito presente. Assim como dezenas de artigos referidos a este autor. Também uma *Antologia da Poesia Feminina dos PALOP*, publicada em A Corunha, 1998.

Apesar do episódio com dona Eugénia Neto, continuei a falar de seu marido, não a transcrever nada da sua obra, coisa que foi um déficite significativo para continuar espalhando a sua obra e o seu pensamento na Espanha. Com tudo isso publiquei *Sagrada Esperança* em Cuba, edição bilingue, português espanhol, na Colección Sur (Habana, 2009). O permissão de direitos autorais foi solicitado pelo Estado cubano e autorizado pelo Estado angolano. Assim se fez possível esta publicação e também finalizar as minhas pesquisas sobre este imenso poeta. Conclui-o com as seguintes palavras do poeta Costa Andrade: “Agostinho Neto é o poeta da afirmação universal da Negritude. A sua poesia, mensagem e fraternidade, é como toda a poesia africana e em particular a mais autenticamente angolana, um meio de luta contra o distanciamiento dos planos reais da vida”.

Agostinho Neto e o apelo do espaço

Nazir Ahmed Can

U. Autònoma de Barcelona / Serra Húnter Programme

Nazir.Ahmed.Can@uab.cat

Resumo: Inúmeras são as geografias convocadas pela poesia de Agostinho Neto. Como alguns poetas e ficcionistas angolanos de seu tempo, Agostinho Neto soube captar a virtualidade poética e revolucionária da geografia, transformando-a menos em cenário do que em cenografia. Por este motivo, ela adquire em seus poemas um protagonismo similar aos das personagens. Privilegiando os espaços de predileção inscritos na poesia de Agostinho Neto, veremos como, em sua produção, não só se constrói uma específica leitura sobre o fato colonial como também se antecipa um debate ainda em curso. Daremos destaque, assim, aos espaços que unem as inquietações do poeta angolano à produção artística ou científica de autores que, de uma maneira ou de outra, refletiram sobre a agressão ritualizada do tempo colonial e suas consequências na contemporaneidade.

Palavras-chave: Agostinho Neto; literatura angolana; espaço.

Abstract: There are several geographies summoned by the poetry of Agostinho Neto. Like some Angolan poets and writers of his time, Agostinho Neto knew how to capture the poetic and revolutionary virtuality of geography, transforming it less into scenery than into scenography. For this reason, space acquires a role like that of the characters in his poems. Privileging the spaces of predilection inscribed in the poetry of Agostinho Neto, we will see how, in his production, not only a specific reading about the colonial fact is constructed, but also an anticipation of a debate that is still ongoing. We will highlight the spaces that unite the concerns of the Angolan poet with the artistic or scientific production of authors who reflected on the ritualized aggression of colonial period and its consequences in contemporary times.

Keywords: Agostinho Neto; Angolan literature; space.

Agostinho Neto funda não apenas uma ideia de nação angolana, mas também uma ideia de literatura, que se firma na terra e transcende as fronteiras nacionais. Esta hipótese pode parecer algo excessiva se considerarmos o número de poemas publicados, o descompasso entre o tempo de escrita e de edição, a reduzida transposição para outras línguas e, até mesmo, a forma mais ou menos apressada como certa crítica tende a encaixar o poeta como

um autor de seu tempo, de uma determinada luta e, portanto, menos dotado do que datado. A controversa recepção da figura e da obra de Agostinho Neto é, aliás, um dos pontos mais interessantes para observarmos as dinâmicas ideológicas de ontem e de hoje¹. Contudo, se tivermos em conta o cruzamento entre espaço representado e espaço de produção literária, assim como entre mensagem disseminada e forma escolhida, identificaremos um conjunto de elementos que nos permite compreender alguns dos rumos do campo literário angolano nas décadas seguintes. Ao mesmo tempo, a lembrança da poesia de Agostinho Neto leva-nos a constatar a atualidade de um pensamento que ultrapassa as fronteiras do literário. Assim, neste texto veremos como, por um lado, sua poesia abre caminhos para a literatura angolana e, por outro, antecipa uma série de pautas que, especialmente no campo das ciências sociais e humanas, marcam o debate nos dias que correm. Para nos aproximarmos deste vasto jogo de relações, privilegiaremos um elemento estruturador do pensamento político e da proposta estética de Agostinho Neto: o espaço.

Inúmeros são os territórios convocados pela poesia de Agostinho Neto. Como Viriato da Cruz, António Jacinto ou o moçambicano José Craveirinha, para dar apenas três exemplos, Agostinho Neto soube captar a virtualidade poética e revolucionária da geografia, transformando-a, em seus versos, menos em cenários do que em cenografias. Por este motivo, o espaço adquire em seus poemas um protagonismo similar aos das personagens. Uma seleção exaustiva desses lugares de predileção não caberia nos limites impostos por um texto desta natureza. Daí privilegiarmos, aqui, os espaços que de alguma maneira unem as inquietações do poeta angolano à produção artística ou científica de autores que refletiram sobre a agressão ritualizada do tempo colonial e de suas consequências na contemporaneidade.

Vale ressaltar, em primeiro lugar, o modo como muitos dos seus versos inspiraram autores de diferentes tempos, de distintos registros artísticos e,

¹ O volume *A morte do 'heróico lutador pela liberdade dos povos' nos jornais portugueses*, organizado e editado por Francisco Topa (2022), dá a dimensão da notável variedade de posturas discursivas que a morte do poeta angolano gerou em textos publicados na imprensa portuguesa.

inclusive, de variados perfis ideológicos. O poema “Kinaxixi”, de 1950, como outros ambientados nos musseques, como veremos mais adiante, comunica-se diretamente com o livro de contos de Arnaldo Santos, que guarda o mesmo título. Em ambas as propostas, o musseque é o espaço por excelência da cesura, mas também do aferro. Erguido sob o signo da precariedade e da arbitrariedade, Kinaxixi é, em ambas as obras, o principal horizonte de possíveis, o lugar onde se constrói um discurso oculto que antecede e dá forma à expressão da luta armada: “a pensar que a nossa vida é simples afinal / demasiado simples / para quem está cansado e precisa de marchar” (NETO, 2011: 15). Também em “Desfile de sombras”, o sujeito poético, ao regressar do mar – outro dos espaços de eleição de Agostinho Neto, também na ficção –, mostra “o meu desejo de ser onda” (NETO: 2021: s/p), vontade recuperada mais de trinta anos depois por Manuel Rui, em *Quem me dera ser onda*. Por sua vez, “noites de vigília” (NETO, 1979: 117), um dos versos do poema “Noites de cárcere”, dará título a um dos romances de Boaventura Cardoso, também publicado algumas décadas mais tarde. Tudo isso sem contar com os romances de Luandino Vieira, como *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* ou *O Livro dos Rios*, nos quais se inscrevem, com a particular partitura do grande romancista angolano, os “rios rugidores”, “a ira dos ventos” (NETO, 1979: 89), sugeridos por Agostinho Neto em diversos de seus poemas. Ou então em Pepetela, que lidou fisicamente com a “grandiosidade dos troncos do Maiombe” (NETO, 2011: 35), celebrada por Agostinho Neto nos anos prévios à guerra de libertação. “A aridez dos desertos, a fecundidade das fontes” (NETO, 2011: 25), enumeradas no poema “Um bouquet de rosas para ti”, foram, finalmente, algumas das geografias afetivas da poesia e da ficção de autores como Ruy Duarte de Carvalho e Ana Paula Tavares, dois dos protagonistas da escrita em língua portuguesa do período que se segue às independências africanas.

É surpreendente, com efeito, como uma produção poética relativamente escassa, como a de Agostinho Neto, tenha desempenhado um papel estruturador em um contexto literário habitado por tantas e tão diversas vozes. Estes dados, aqui apenas sintetizados, já seriam suficientes para confirmar o que de Agostinho Neto se disse nas apresentações de dois livros que recolhem parte de seus poemas. Basil Davidson, em uma síntese que não deixa de ser também antecipatória, refere que na poesia do autor encontramos “a chave de

todo o resto” (DAVIDSON, 1979: 1). Apesar disso, são conhecidas algumas reticências no campo crítico quando o que está em causa é identificar o lugar de Agostinho Neto na literatura angolana. Em muitos casos, confina-se o poeta em um lugar estritamente ideológico. Sensíveis a estas derivas, Ana T. Rocha, Luandino Vieira e Pires Laranjeira, organizadores do livro *Fogo e Ritmo*, publicado pela NÓSSOMOS em 2011, defendem a importância da publicação dessa antologia para combater o “preconceito contra a sua figura e obra” (ROCHA, VIEIRA, LARANJEIRA, 2011: 8).

Durante séculos, no campo literário, como sabemos, personagens, tempos e espaços africanos foram objeto de um avassalador processo de estereotipagem que legitimou a invasão e a agressão ritualizada. Mas isso se deu, naturalmente, em distintas velocidades. A participação portuguesa neste programa é tão tardia quanto virulenta. Elaborada sobretudo por funcionários que viviam nas ex-colônias africanas, a literatura colonial portuguesa emerge com quase dois séculos de atraso relativamente às suas congêneres francesa e inglesa. Como tal, apresenta um conjunto de imagens que já haviam sido superadas pela mirada colonizadora de outras metrópoles (CAN, 2021; CAN, CHAVES, 2022). Por outro lado, sem a qualidade estética de Joseph Conrad e de outros nomes analisados por Edward Said ou Mary Louise Pratt em seus livros sobre a escrita do império, as narrativas do repertório colonial português confirmam a distância cultivada por europeus em terras africanas: os personagens brancos ocupam o lugar exclusivo de protagonismo. O africano, de um modo geral, é apenas uma extensão da natureza (CHAVES, 2012: 223). No que se refere à representação do espaço, observa-se um descompasso similar: a África é reduzida já não tanto às trevas, como em Conrad, mas ao “mato” (NOA, 2002). Com esta estratégia de uniformização geográfica, reforça-se o apagamento cultural e valida-se a hipótese de um continente sem história. Caberia ao herói português inaugurá-la. A resposta de autores como Agostinho Neto vai apoiar-se também na articulação destes três elementos: a existência (personagens) e suas coordenadas (tempo e espaço).

Em primeiro lugar, as populações locais deixam de ser vistas como um bloco uniforme e desfilam de modo desabrido sua diversidade. Quer dizer, com elas, apresenta-se um outro tipo de espaço e escancaram-se os paradoxos do tempo histórico. Em “Sábados nos musseques”, que já no título faz entrecruzar as dimensões temporal e espacial, a ideia do “africano”, assim

definido no singular, é dissipada. Como tantos ficcionistas que o sucederam, o musseque abrigará o insólito cortejo de desvalidos dos mais distintos quadrantes:

Ansiedade encontrada
no significado das coisas
e dos seres
Na lua cheia
acesa em vez dos candeeiros
de iluminação pública
Que pobreza e luar
casam bem
(...)
no homem fardado
alcançando outro homem
que domina e leva aos pontapés
(...)
no homem
escondido em um recanto escuro
violando uma criança
Sua riqueza calará o pai
e a criança
só tarde
clamará contra o destino
(...)
nas mulheres
que abandonam os homens
para ouvir
a vizinha aos gritos
ralhando contra a pobreza do marido
(...)
nos batuques saudosos
dos kiocos contratados
(...)
nas mães aos gritos
à procura dos filhos desaparecidos
nas mulheres que passam embriagadas
no homem
que consulta o quimbanda

para conservar o emprego
na mulher
que pede drogas ao feiticeiro
para conservar o marido
(...)
nos que riem e nos que choram
nos que entendem
e nos que respiram sem compreender
(...)
no esqueleto de pau-a-pique
ameaçadoramente inclinado
a sustentar o pesado tecto de zinco
e nos quintais
semeados de dejectos e maus cheiros
nas mobílias sujas de gordura
nos lençóis esburacados
e nas camas sem colchão
(...)
nos que descobrem multidões passivas
esperando a hora
(...)
(NETO, 1979: 40-47)

Neste poema está a síntese dos primeiros grandes contos e romances da ficção angolana dos anos 50 e 60. Todas as vidas aqui reunidas são finalmente providas de humanidade e, por serem objeto de particularização, dão conta da diversidade de destinos que pelos musseques circulava. A estratégia da enumeração, a mais utilizada na ficção angolana anticolonial para descrever os espaços marginalizados da cidade, produz um efeito simultâneo e paradoxal de acumulação (de acontecimentos) e de perda (do sentido da vida). O conto “Kinaxixi”, de Arnaldo Antunes, pode ser visto uma vez mais como um exemplo emblemático dessa dinâmica.

Além dos musseques, ou então com os musseques e o ponto de partida que eles oferecem, o autor reapropria-se das diferentes formas de luta desenvolvidas em outras latitudes, como a tese de Pires Laranjeira (1994) nos informa de maneira percuciente. Em poemas como “Aspiração”, por exemplo, exaltam-se o Congo, a Geórgia e o Amazonas. Em outros, anuncia-se o potencial revolucionário das sanzalas, dos subúrbios das cidades e dos recantos

escuras das casas ricas de todo o mundo. Em “Caminho das Estrelas”, por sua vez, celebram-se os Zaires Calaáris de “fogueiras infinitas” e “capinzais violentados” (NETO, 2011: 14); já o poema “Pausa” apresenta “um trilho imenso do Niger ao Cabo”, onde se harmoniza “o cântico inaugural da nova África” (NETO, 1979: 80); finalmente, com “Desfile de sombras”, é a busca silenciosa “de todas as áfricas do mundo” (NETO, 2011: 29) que fica sublinhada. Em todos estes casos, as geografias, por serem inventariadas e não propriamente figuradas, respiram menos do que aspiram. Mas aspiram com um ritmo particular, que se apoia na oração coordenada, na repetição, na procura de uma expressão calcada na terra e virada também para o espaço telúrico. O sentido de urgência de Agostinho Neto e de outros poetas de seu tempo solicitava um tipo de aproximação à realidade que fizesse da articulação entre conteúdo e forma a sua primeira característica.

Cabe também referir que os territórios colonizados herdaram da metrópole a situação periférica que se concretiza, no plano artístico, em uma certa dependência dos modelos externos. Afinal, nem na metrópole nem nas colônias surgiram movimentos com o peso da Négritude ou do Panafricanismo. O fenômeno de dependência não trava, porém, o gosto de apropriação de repertórios alheios para finalidades próprias. Da titubeante imitação colonial passamos, de fato, para o gesto cosmopolita da estética anticolonial. A poesia de Agostinho Neto revela a existência de uma sensibilidade capaz de, em diálogo com o mundo, selecionar os cacos de seu tempo e de situá-los em uma reflexão sobre as dinâmicas mais específicas de sua terra. Um outro tipo de universalismo começa a ser recriado. Como se dá com as pessoas do musseque representadas em diversos versos, as geografias misturam-se na poesia de Agostinho Neto. Com ela, confirma-se também a ideia de que é impossível pensar a Europa sem a África. A dominação, naturalmente, é o fio que as liga. A inversão do discurso mais habitual – naquela época e nos dias que correm – marca o tom da mensagem. Em “A voz igual”, o poeta lança a hipótese de que a Europa é uma invenção da África:

e construíram os impérios do Ocidente
as riquezas e as oportunidades da velha Europa
(...)
os homens sacrificados nos traços paralelos das vias férreas
(...)

com as suas mãos formidáveis e com os seus mortos
deram ao brilho das metrópoles ouro e diamantes
e das entranhas da terra mungiram óleos e farturas
para os sorrisos ingratos
(...)
(NETO, 2011: 71-72)

Recorde-se que esta mesma ideia é retomada por Frantz Fanon em *Os condenados da terra*, de 1961. Por outro lado, na última década, um conjunto de intelectuais africanos, mas não só, clamam pela necessidade da restituição de parte da riqueza africana confiscada nos grandes centros europeus, em particular nos museus. Esta reivindicação atravessa a produção poética de Agostinho Neto, escrita, em grande parte, antes da independência angolana. Este e outros dados de sua poesia, ancorada em vários momentos pelo tom ensaístico e pelo discurso narrativizado, desmentem a ideia habitual que situa a sua obra em um tempo específico e, portanto, distante das preocupações atuais.

O espaço da prisão, como não poderia deixar de ser, é inscrito de maneira reiterada por Agostinho Neto. Mas, com ele, surge também um território mais amplo, não designado, metaforicamente assimilado por uma noção de tempo próxima daquela que encontramos no texto bíblico – uma das leituras de Agostinho Neto durante o período em que esteve encarcerado. Também Luandino Vieira, em sua ficção, escrita majoritariamente no ambiente concentracionário e atravessada por um diálogo tenso com o imaginário bíblico, apresenta uma geografia ampliada e historicamente habitada por processos de violência e pelo anúncio das mais criativas formas da resistência local. Finalmente, não é demais lembrar que, no plano teórico, o intertexto bíblico é também um dos instrumentos privilegiados da visão crítica de Walter Benjamin em suas reflexões sobre o “Anjo da História”, que marcam, ainda em outro contexto, a reflexão sobre a violência no século XX. Encontramos algo de todas estas atmosferas nos poemas da prisão de Agostinho Neto. Alguns versos de “Aqui no cárcere” seriam suficientes para ilustrar a cadeia de relações simbólicas que nesses poemas se projeta:

Aqui no cárcere
a raiva contida no peito

Espero pacientemente
o acumular das nuvens
ao sopro da História
Ninguém
impedirá a chuva
(NETO: 1979: 120)

O intertexto bíblico é, nestes versos, destituído de sua habitual função de coadjuvante ideológico do sistema colonial. Pelo contrário, é acionado com uma finalidade revolucionária. Reiteram essa dimensão alguns versos de “O içar da bandeira”: “Cheguei no momento preciso do cataclismo matinal / (...) Cheguei para ver a ressurreição da semente” (NETO, 1979: 124). Como se pode constatar, a prisão é também, invariavelmente, o espaço onde se configura uma específica ideia de liberdade. Duas ferramentas do “outro” são incorporadas: a língua e a metáfora bíblica, elemento que historicamente lhe serviu de roupagem. É na prisão, com o suporte do imaginário messiânico, devidamente retocado para novos propósitos, onde se prepara o gesto definitivo de insubordinação à ordem colonial. Diga-se ainda que o equilíbrio entre raiva e estratégia, privação e paciência é um fato raro na poesia ou na ficção de outros contextos produzida em ambientes concentracionários. No poema “Depressa”, também escrito neste micro-espaço, o sujeito poético, além de confirmar a tensa relação que mantém com o intertexto bíblico, clama pela violência contra o invasor, tese, como sabemos, defendida também por Fanon entre os anos 1950 e 1960:

Acabemos com esta mornez de palavras e de gestos
e sorrisos escondidos atrás de capas de livros
com o resignado gesto bíblico
de oferecer a outra face
Inicie-se a acção vigorosa máscula inteligente
que responda dente por dente olho por olho
homem por homem
(...)
venham os furacões romper esta passividade
(...)
e esborrache o inimigo sobre a terra pura
(NETO, 1979: 128)

Ainda como Fanon, Agostinho Neto não desconsidera a “violência atmosférica” e, por isso mesmo, compreende que o corpo e o espaço são os territórios privilegiados do exercício do poder colonial. Para José Luís Cabaço, que recupera a feliz designação inventada por Fanon em *Os condenados da terra* para fazer uma não menos feliz síntese da experiência moçambicana desse mesmo período, a violência atmosférica “se caracterizava pelo fato de que cada momento da vida dos colonizados estava impregnado de um potencial violento que determinava, a par da opressão física, uma permanente tensão consciente e/ou inconsciente” (CABAÇO, 2011: 214). O poema “Sim em qualquer poema” dá conta de mais esta perversa faceta do tempo colonial:

Em que subterrâneos circularia
o ar irrespirável da violência?
Nas cavernas dos teus pulmões
o caften das vielas sórdidas
do conformismo?
(NETO, 2014: 40-41)

Como se pode deprender dos exemplos apresentados, chama a atenção, em Agostinho Neto, a capacidade de, em poucos versos, participar plenamente de um debate artístico, político e científico contemporâneo. Todas as definições que se seguem sobre o colonialismo, recolhidas em textos de Fanon, Mbembe, M’bokolo, Arendt e Said já percorriam, de um modo ou de outro, os versos do poeta angolano. Nos anos 60, Fanon mostrava-nos que, no quadro da totalidade dos imperialismos, o colonialismo constitui a experiência histórica mais extrema de subjugação e de expropriação material e mental (FANON, 1961). Isso sucedia, segundo Achille Mbembe, por via da falsificação de si pelo outro (MBEMBE, 2000), estratégia também analisada por Fanon em *Peles Negras, Máscaras Brancas*. Para M’Bokolo, por sua vez, o colonialismo pode ser lido como um vasto sistema concentracionário onde o arbitrário constitui a regra (M’BOKOLO, 2006). Este projeto, segundo Anna Arendt, reforça-se plenamente no período em que se dá a transformação da identidade nacional em identidade racial, da História nacional em História racial, da unidade nacional em unidade racial (ARENDDT, 1951: 15-16). Finalmente, nos seus já clássicos *Orientalismo* (SAID, 1978) e *Cultura e Imperialismo* (SAID, 1993), Edward Said confirma que toda a empreitada

colonial põe em jogo, em primeiro lugar, a disputa por territórios e possessões. O que está em causa nesta disputa é fundamentalmente a geografia. A velocidade das transformações valida a hipótese do teórico palestino: se em 1880 as potências ocidentais detinham 55% do globo, em 1914 passam a controlar 85% do planeta. Ainda segundo Said, este processo contempla soldados e canhões, repressão e tortura, mas também ideais e formas, imagens e representações (SAID, 1993: 39).

Notamos, portanto, com Agostinho Neto, uma propensão não apenas para devorar os repertórios externos, mas também para antecipar um conjunto de problemáticas que marcariam, em diferentes áreas e contextos, a discussão sobre a violência nas décadas seguintes. Outro exemplo da amplidão temporal que abarca sua poesia pode ser localizado em “Crueldade”, no qual o sujeito poético apresenta o modo como, de repente, o baile de Sambizanga é interrompido, as faces endurecem, a violência toma conta, as pessoas são presas sem motivo que o justifique e,

Da cidade iluminada
vêm gargalhadas
numa displicência cruel
Para banalizar um acontecimento
Quotidiano
(NETO, 1979, 49)

A “banalidade do mal”, expressão tornada célebre por Anna Arendt em 1963, é uma das inquietações de Agostinho Neto desde os anos 40. No centro dessa equação se percebe outro elemento decisivo na escrita do poeta angolano: o espaço da exceção. É já bem a conhecida a tese de Giorgio Agamben de que o campo de concentração erguido na Europa pelos alemães é o espaço onde se produz de modo completo a suspensão da lei, viabilizando, por isso, a emergência do estado de exceção. Este, por sua vez, se fundamenta na “vida nua” do “homem sagrado”, indivíduo que é posto em “bando” e à mercê do “poder soberano” e a quem se pode decretar morte em qualquer momento e de forma aleatória (AGAMBEN, 2003). Nos três volumes do seu majestoso *Homo sacer*, Agamben não contempla, todavia, a experiência africana. Talvez por isso, o teórico italiano insiste que o modelo final da depredação do ser humano pelo ser humano não é o mar ou qualquer outro

espaço cujas dinâmicas engendraram efeitos em uma grande camada populacional durante séculos, mas sim os campos de concentração erguidos na Europa no século XX. Outros autores europeus que refletiram sobre o estado de exceção, como Walter Benjamin ou Foucault, também não se referem ao mar, porventura o modelo final do estado de exceção se considerarmos a longevidade do tráfico negreiro e as suas consequências na contemporaneidade em todos os pontos do mundo. O fato de Agostinho Neto ter enxergado a realidade de outra ponta contribuiu, desde muito cedo, para a ampliação dos horizontes geográficos, temporais e filosóficos desta e de outras problemáticas.

O espaço de exceção para Agostinho Neto são, portanto, os “mares” onde “crescem os cadáveres” (NETO, 1979: 89) (de “Sangrantes e Germinantes”) ou o Atlântico que devolve os mortos, “em oferta pútrida de incoerência” (NETO, 2014: 27) (inscrito no poema “As terras sentidas de África”); ou então o oceano, que separa o sujeito poético de si mesmo (como se relata no poema “Confiança”). Mas também é, como efeito correlato, o musseque do poema “Civilização Ocidental” (1950), onde o velho morre grato de fome depois de uma vida inteira de trabalho forçado e repetitivo. O espaço de exceção são ainda os rails ensopados de muitas vidas, que “se esmagam sob o peso da máquina” (NETO, 2014: 20) (como se pode ler em “Comboio Africano”), são os “bairros escuros do mundo” (NETO, 2014: 22) (do poema “Noite”), é também “o caminho áspero da encosta” (NETO, 2014: 38) (de “Sim em qualquer poema”); são as “cubatas esfuracadas” pela prostituição, os “muros das prisões” de uma só paisagem, as “silhuetas escuras dos imbondeiros de braços erguidos”, que sentem o “cheiro verde das / palmeiras queimadas” (NETO, 2014: 7-8) (de “Poesia africana”); é, enfim, a roça de “S. Tomé / Para lá do mar” (NETO, 1979: 39) (em “Partida para o contrato”). Estes espaços são sempre dotados, além disso, de características humanas e, como tal, são mediados pela estratégia da personificação: nas “portas violentadas”, nas “estradas escravas” e nas “forcas simuladas” (NETO, 2011: 11-12) (de “Criar”) confirmamos a vinculação entre geografia, corpo e humanidade – articulação impossível, como vimos mais acima, na estética colonial.

A relação visceral entre corpos e espaços é, com efeito, um dos traços mais evidentes desta poesia. Em “Criar”, é no músculo e no nervo que cai “a

fortaleza impúdica do chicote” (NETO, 2011: 11). Já em “Fogo e Ritmo” se mesclam os “Sons de grilhetas nas estradas” e o “ritmo nas gretas sangrentas dos pés descalços” (NETO, 2011: 10). Em “Quitandeira”, por sua vez, o sangue dos filhos da protagonista mistura-se com o pó das estradas e é enterado nas roças. Há ainda o suor, embebido nos fios de algodão. Como o algodão, o espaço em Agostinho Neto assimila o tempo e recobre de violência o corpo narrado. Mas também o cobre de consciência. As duas dimensões, violência e consciência, correm sempre em paralelo em sua poesia e podem ser localizadas já no título de outro poema, “Sangrantes e germinantes”, que, unindo terra e corpo, faz entrecruzar as funções digressiva – que denuncia a agressão ritualizada – e antecipatória – que assinala um horizonte ou lhe exige um futuro. Em suma, o espaço de exceção é o tempo colonial em toda a sua extensão, é a terra “sacrificada, sangrada na lembrança” (NETO, 1979: 131) (de “Campos verdes”). Por isso, a exceção penetra até mesmo “na alegria dos espaços”; neles está impregnado o “aroma dos corpos sacrificados”. A vida nua do *homo sacer* é, em síntese, ampliada por caminhos insuspeitados nesta poesia.

A literatura angolana foi produzida, num primeiro momento, em diferentes espaços de exceção (na prisão, na clandestinidade, no musseque, no campo de batalha, no campo de concentração). Nestes lugares pouco propícios para a escrita, os autores elaboraram um discurso surpreendentemente coeso no plano ideológico e diversificado no plano estético. Muito antes das independências, portanto, combinaram o registro digressivo (valorizando a história local) e antecipatório (projetando a liberdade, mas também os impasses do tempo pós-colonial... ou, se quisermos, dos tempos do pó colonial). A diferença de enfoque entre a literatura angolana e a literatura colonial portuguesa é, assim, radical: enquanto o texto colonial era filtrado pela cegueira estratégica do narrador, que apenas retratava sua relação (de desconforto e heroicidade) com o meio, uniformizando o continente e silenciando as populações locais, as literaturas nacionais do continente africano souberam captar o espaço em sua relação com a diversidade humana e, ao mesmo tempo, vinculá-lo artisticamente a toda sorte de contradições impostas pela história. A figuração do animal e do morto, por exemplo, personagens transversais

nas últimas sete décadas, confirma a ruptura entre os dois tempos e ratifica os laços entre história e natureza, cultura e revolução nestes espaços de criação. A abertura para o mundo, a partir da inscrição da geografia internacional nesse mesmo período, confirma também a vocação cosmopolita de uma comunidade literária que viveu e vive, majoritariamente, ao contrário do que sucede em outras literaturas africanas de língua francesa ou inglesa, no continente africano. A análise conjunta de todos estes fatores poderia nos ajudar a refletir sobre os traços distintivos de uma literatura que é, hoje, uma das mais exigentes para o exercício crítico. Mas como nada disso nasceu do nada, para melhor nos aproximarmos desse universo, devemos sempre regressar a Agostinho Neto e a outros personagens dessa virada, ainda em curso.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio (2003). *Homo sacer. El poder soberano y la nuda vida*. Trad. de Antonio Gimeno Cuspinera. Valencia: Pre-Textos.
- ANGOLA. Fundação António Agostinho Neto (2021). “Desfile de Sombras”. Disponível em: <<https://agostinhoneto.org/poesias/desfile-de-sombras/>>.
- ARENDDT, Hannah (1951) *The Origins of Totalitarianism*. New York: Schocken Books, pp. 15–16.
- CABAÇO, José Luís (2011). “Violência atmosférica e violências subjectivas. Uma experiência pessoal”. *Revista brasileira de ciências sociais*. 26: 76, pp. 213-218.
- CAN, Nazir Ahmed (2021). “Literatura colonial portuguesa e a metáfora morta do mundo sem tradução: o caso de ‘Zambeziã’, de Emílio de San Bruno”. *Portuguese Cultural Studies*. 7, pp. 27–42.
- CAN, Nazir Ahmed, CHAVES, Rita (2022). “Empire and Literature: From the Schism of Race to the Seism of the ‘Other’”. In: Sheila Khan, Nazir Ahmed Can, Helena Machado (eds.). *Racism and Racial Surveillance: Modernity Matter*. New York / London: Routledge. pp. 16-40.
- Chaves, Rita (2012). “Literatura colonial em Moçambique: território reocupado?”. In: Cláudia Castelo, Omar Thomaz, Sebastião Nascimento e Teresa Cruz e Silva (eds.). *Os outros da colonização - Ensaios sobre o colonialismo tardio em Moçambique*. Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais, pp. 221-232.
- DAVIDSON, Basil (1979). “Prefácio”. In: Agostinho Neto, *Sagrada Esperança*. Lisboa: Sá da Costa Editora, pp. 1-6.

- FANON, Frantz (1961). *Les Damnés de la Terre*. Paris: François Maspero.
- LARANJEIRA, José Luís Pires (1994). *A negritude africana de língua portuguesa*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Tese de Doutoramento.
- M'BOKOLO, Elikia (2006). “Afrique centrale: le temps des massacres”. In: Marc Ferro (ed.) *Le Livre noir du colonialisme, XVI–XXI: de l’extermination à la repentance*. Paris: Hachette Poche, pp. 577-601.
- MBEMBE, Achille (2000). *De la Postcolonie: essai sur l’imagination politique dans l’Afrique contemporaine*. Paris: Khartala.
- NETO, Agostinho (1979). *Sagrada Esperança*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- NETO, Agostinho (2011). *Fogo e Ritmo (24 poemas)*. Vila Nova de Cerveira: NÓSSOMOS.
- NETO, Agostinho (2014). *Poemas*. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA).
- NOA, Francisco (2002). *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. Lisboa: Caminho.
- PRATT, Mary-Louise (1992). *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London: Routledge.
- ROCHA, Ana T.; VIEIRA, José Luandino; LARANJEIRA, J. L. Pires (2011). “Apresentação”. In: Agostinho Neto, *Fogo e Ritmo (24 poemas)*. Vila Nova de Cerveira: NÓSSOMOS, pp. 7-8.
- SAID, Edward (1978). *Orientalism*. New York: Pantheon Books.
- SAID, Edward (1993). *Culture and Imperialism*. London: Chatto and Windus.
- TOPA, Francisco (ed.) (2022). *A morte do ‘heróico lutador pela liberdade dos povos’ nos jornais portugueses*. Porto: sombra pela cintura.

A mulher na poesia de Agostinho Neto

Ana Ribeiro

U. Minho

anar@elach.uminho.pt

Resumo: Em composições que lhe conferem um lugar de destaque ou em poemas que representam um amplo painel social, a mulher surge frequentemente em *Sagrada esperança*, *Renúncia impossível* e *Amanhecer*, de Agostinho Neto. A figuração do feminino na obra do primeiro presidente de Angola é indissociável do seu projeto literário, estando ao serviço da denúncia dos dramas vividos pelo colonizado, condição que se sobrepõe a qualquer outra. Apesar de na poesia de Neto predominar o retrato da mulher como mãe e esposa sofrida, não deixa de se sugerir a sua participação na luta armada, tornando patente o seu contributo direto para a conquista da independência e para construção da nação.

Palavras-chave: Agostinho Neto; mulher; poesia

Abstract: Either in compositions that give her a prominent place or in poems that represent a broad social panel, the woman frequently appears in *Sagrada Esperança*, *Renúncia Impossível* and *Amanhecer*, by Agostinho Neto. The representation of the feminine in the work of the first president of Angola is inseparable from his literary project, being at the service of denouncing the dramas experienced by the colonized, a condition that overrides any other. Although in Neto's poetry the portrayal of women as long-suffering mothers and wives predominates, their participation in the armed struggle is suggested, making clear their direct contribution to the conquest of independence and the construction of the nation.

Keywords: Agostinho Neto; woman; poetry

A mulher, até pelo seu grande poder de insignificância, é muito menos vulnerável do que o homem.

Agustina Bessa-Luís

1. Introdução

No discurso da tomada de posse do cargo de presidente da assembleia geral da União de Escritores Angolanos, Agostinho Neto afirmou que “O povo e o meio ambiente estarão presentes em cada pensamento, em cada palavra

ou frase escrita, como a sombra coexiste com a luz, e a folha com a raiz” (NETO, 2012: 3) e que “A expressão[,] para ser válida, tem de ser resultado da vivência e da observação” (NETO, 2012: 4). Neste programa de ação apresentado em 1977, já após a independência, o então presidente da então República Popular de Angola retoma aspetos da sua conceção de literatura, da qual a poesia que em anos anteriores assinou é, evidentemente, devedora. Enquanto elemento da geração que lançou o desafio do “Vamos descobrir Angola!”, Neto praticava uma poesia interventiva de cariz marxista, cuja justificação e eficácia assentava nesta proximidade em relação à realidade representada, revestindo-se o testemunho das funções de afirmação identitária e de denúncia. Daí que, a propósito da natureza épica da poesia netiana, Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (2012: 17) não deixem de sublinhar que “Os poemas de Neto, porém, não comportam mitos ou deuses, apenas pessoas comuns que integram a paisagem angolana, como a «Quitandeira» ou os figurantes do «Sábado nos musseques»”¹. Mesmo não sendo deuses nem seres de outro mundo, não deixam, no entanto, de se ir “da lei da morte libertando”, já que, como diz Inocência Mata (2012: 42), “Para reforçar a contaminação épica da escrita do período de definição do sistema literário, outro esquema foi o recurso à elaboração do imaginário cultural, a partir de índices retirados da natureza e da sociocultura (gentes, sinais de uma vivência quotidiana, do espaço físico e social) e transformados em símbolos”. Daqui resultavam “construções imagéticas da nação” (MATA, 2012: 42). Com elas “cantava-se a pátria” (MATA, 2012: 42).

Para completar este quadro em que a representação da mulher se processa na obra de Agostinho Neto, torna-se necessário acrescentar que ele resulta de um olhar masculino, pelo qual a mulher, à semelhança do que então sucedia noutras geografias literárias devido a circunstâncias várias e bem conhecidas, é objeto e não sujeito do discurso que sobre si circula.

2. Uma presença constante

Referindo-se exclusivamente a *Sagrada esperança*, José Luís Mendonça (2012: 26-27) declara que “Em todo o livro, a criança e a mulher estão pre-

¹ Pierrette CHALENDAR e Gérard CHALENDAR (1989: 160) consideram igualmente que “Neto rompe com a poesia tradicional ao tomar como objecto os africanos e não já África”.

sentes, como os dois primeiros destinatários de justiça social”. Embora a presença feminina seja de facto inquestionável e mais expressiva nesta obra, ela verifica-se também em *Renúncia impossível* e *Amanhecer*, podendo por isso afirmar-se que essa presença é extensiva a toda a obra poética de Neto. Refira-se a propósito que, embora com particularidades que adiante trataremos, o poema mais antigo segundo a datação que se conhece, “Partida para o contrato” (1945), centra-se numa figura feminina. Por outro lado, “Sobre o sangue ainda quente de meu irmão”, o poema de data mais recente (1972), colocado no final de *Amanhecer*, não deixa também de evocar “o sangue ainda quente da minha irmã / Assassinada pelos carrascos” (NETO, 2016: 166). Verifica-se, portanto, que, não só a presença feminina na poesia netiana não é esporádica, mas também que ela dá conta, como veremos, do impacto do conflito armado na evolução da situação da mulher angolana.

No interior de cada volume, a presença feminina não detém a mesma representatividade em todos os poemas: o protagonismo no já mencionado “Partida para o contrato” ou em “Meia-noite na quitanda” contrasta com as referências pontuais à mulher em “Crueldade” ou “Desfile de sombras”, por exemplo. No papel de figurante, não deixa, contudo, de atualizar aspetos da condição feminina de meados do século XX em Angola.

3. Amor em tempos de cólera

Em ocorrências desenvolvidas ou episódicas, é indiscutível, como se verá, a intenção social e política a que as figuras femininas respondem. Porém, elas surgem também em poemas de temática amorosa, como “Docemente”, poema incluído em *Amanhecer* (2016: 158), datado de 1951:

Um ser de andar leve sorriu
Sorriu para mim
Sorriu para o meu mundo
E todas as portas do optimismo se abriram
Nesse doce sorriso de amor.

Neste poema breve, a descrição da mulher oferecida nesta estrofe dispensa os atributos físicos e reduz-se aos elementos que fazem dela um ser especial, quase etéreo, cuja delicadeza e simpatia têm, contrastivamente, efeitos

surpreendentes ao revolucionar o mundo do sujeito lírico, colocando a esperança no seu horizonte. Esta mulher detém assim um poder que transforma a vida do “eu” lírico, bem diferente do ser messiânico de “Adeus à hora da largada”. Graças a este encontro, a solidão dá lugar à união e a um projeto comum:

Duas mãos se apertaram confiantes
Dois caminhos fundidos
Um Desejo em dois desejos
E todo o Universo se condensou
No sentir das mãos unidas em amor.

Docemente o sol nasceu
Docemente o amor brilhou
E o mundo
Se tornou também o nosso mundo. (NETO, 2016: 158)

A articulação da temática amorosa com questões sociais e políticas, ténue, segundo nos parece, nesta composição, é mais clara noutros poemas. Veja-se, a propósito, “Circunstância”, poema datado de 1952 que integra *Renúncia impossível* (2016:140):

Sobre a ânsia de pão
derramada na vermelhidão ardente da areia
dos muceques

Sobre a certeza firme
da força
no olhar choroso da criança negra

Sobre a inutilidade da hora
do mundo parado
suspenso ante o sonho

A tua ausência Amor
a tua ausência caindo em mim
suave e dolorosa
distinta e múltipla

como lá fora os bagos da chuva
sobre o enlameado do chão.

Numa associação entre o individual e o coletivo, o sofrimento amoroso agudiza a dor do líder encarcerado², impedido de pôr fim ao infortúnio dos seus irmãos.

Também em *Sagrada esperança*, concluem Pires Laranjeira e Ana T. Rocha (2012: 17), a respeito dos poemas dedicados a Maria Eugénia Neto quando o escritor se encontrava na prisão, “a poesia amorosa de Neto não deixa nunca de ser também política”, à semelhança do que sucede, segundo os mesmos investigadores, na poesia do turco Nazim Hikmet, mencionado por Neto em “Aqui no cárcere”. Neste contexto, e de acordo com um estudo sobre o poeta turco que citam, “la donna è una donna, un essere umano completo, un amico e un compagno di lotta oltre che un’amante, non solo imagine, oggetto o stimolo” (*apud* PIRES LARANJEIRA, ROCHA, 2012: 17). Os versos finais de “Dois anos de distância” (NETO, 2016: 99), escrito na Cadeia do Porto em 1957, confirmam isto mesmo:

cresce com mais justiça ainda
a ânsia de sermos
com os nossos povos
hoje sempre e cada vez mais
livres livres livres.

“Partida para o contrato” (NETO, 2016: 27) é outro poema onde amor e política convivem. De facto, para além da prisão, outros fatores se podiam intrometer entre os amantes, como é o caso do contrato, estratégia legalizado pelo mesmo sistema que negava a liberdade a Neto e que, para além da exploração, transformava o contratado numa espécie de recluso. Nesta poesia, que inverte a situação dos poemas há pouco convocados, é através da mulher que é feita a denúncia da desumanidade desta situação. O texto, com uma estrutura fílmica e narrativa, abre com um *zoom* sobre o seu rosto, única parte referida do seu corpo, o qual apenas interessa como espelho do que se passa no seu interior, designadamente o grande sofrimento que a domina,

² Foi em 1952 que Neto foi preso pela primeira vez.

resultante da partida do amado para S. Tomé. De natureza gradativa, o poema termina com a sugestão da sua anulação. Confinada ao papel de amante, a sua vida perde razão de ser com a separação do seu ente querido (“Não há luz / não há norte na alma da mulher”), cujo regresso, de acordo com as manipulações do contrato, é uma incógnita. Engolida pelo negrume interior e exterior (“Negrura / Só negrura...” são os versos finais), esta mulher é um ser passivo, bem diferente da dedicatária dos poemas amorosos de Neto, companheira de sofrimento, mas também de luta.

4. A mulher e a urbe

Para além de “Partida para o contrato”, a poesia de Agostinho Neto inclui outros poemas centrados em figuras femininas, designadamente, “Quitandeira”, “Meia-noite na quitanda” (ambos não datados e pertencentes a *Sagrada esperança*), “Kalumba” e “Vendedeira de ananases”, sem data, mas incluídos em *Renúncia impossível*. Excetuando “Kalumba”, as mulheres encarnam personagens do imaginário urbano particularmente ligadas ao comércio, sobretudo ambulante, forma de sobrevivência possível para seres em geral analfabetos³. As quitadeiras, recorrentes na poesia de Neto e de outros poetas da sua geração⁴, participam das tais “construções imagéticas da nação” de que fala Inocência Mata. Estas figuras femininas anónimas, identificadas pela profissão que exercem – a única exceção é Sá Domingas em “Meia-noite na quitanda” –, são particularizações daqueles que nunca conheceram senão a “tortura / da vida sem vida” (NETO, 2016: 38), palavras que fazem parte do dramático monólogo da quitadeira do poema homónimo, mulher que a vida afastou de si mesma e que, com o desespero de alguém a quem

³ Como afirma Inocência Mata (2007: 421), “as mulheres escritoras constituem um grupo privilegiado tanto em termos de classe e socioculturais quanto por causa do domínio da escrita, que ainda é um poder em África”.

⁴ Na obra do primeiro presidente angolano, para além dos títulos acima indicados, a quitadeira é também evocada em “Poema” (NETO, 2016: 87): “Sim! / às solicitações místicas à musculatura dos membros / ao quente das fogueiras endeusadas / na lenha das sanzalas / às expressões magníficas das faces / esculpidas no alegre sofrimento das quitadeiras / e no ritmo febril das sensações tropicais”. António Cardoso em “Oferta”, Viriato da Cruz em “Makézu”, António Jacinto em “Poema da alienação” e “O grande desafio” e Luandino na “Canção de Luanda” são alguns dos contemporâneos de Neto atentos a esta personagem do quotidiano luandense.

tudo foi tirado, tenta reencontrar-se através daquilo que a anula (“Talvez vendendo-me / eu me possua” (NETO, 2016: 40)).

Em “Vendedeira de ananases”, a mulher é objeto do olhar atento do “eu” lírico, que faz dela sua interlocutora, embora nunca a escutemos. Repetidamente ele afirma “Gosto dos teus olhos” (NETO, 2016: 139), pois, enquanto espelho da alma, são eles que expressam a sua vida sofrida, mas é também neles que o sujeito poético encontra “o caminho do ressurgimento” (NETO, 2016: 139), como se o sofrimento já tivesse atingido um grau tão elevado que só poderia parar ou fosse imperioso acabar com tal “calvário” (NETO, 2016: 139). É na própria vendedeira que o “eu” poético vai encontrar o caminho para a renovação: “Olha-me quitandeira de ananases / eu quero descobrir a Vida” (NETO, 2016: 139)⁵. Para além da associação entre mulher e Vida – e aqui a maiúscula é relevante, pois trata-se da vida na sua manifestação plena, oposto do que se depreende ser a vida amortalhada destes seres – neste dístico, a situação da mulher surge como manifestação máxima de uma situação que exige reparação, a tal justiça social de que fala José Luís Mendonça. Seres subalternizados e espoliados pelo poder colonial, estas mulheres fazem parte do grupo dos desfavorecidos, do lado dos quais o sujeito lírico se coloca.

Quanto a “Kalumba”, apresenta-nos uma situação bem diferente. Este poema relata a vinda da “linda filha dum soba da Lunda” (NETO, 2016: 136) para Luanda. A sua beleza, nunca descrita em pormenor, conquistou o “coração de muitos homens” (NETO, 2016: 136). No entanto, “os seus olhos confusos / descobriram na cidade / um mundo diferente / onde a sua alma era aferrolhada / nos navios que levaram do Congo / os homens sobre o mar/ Kalunga! Morte // Aquela cidade era um mar / era a sua morte” (NETO, 2016: 136). Esta percepção da cidade leva-a a deixar este espaço. Embora parecendo tratar-se de um caso mais individualizado do que os tratados nos poemas anteriormente analisados, apesar de mais uma vez estarmos perante uma mulher anónima, nem por isso o carácter político e de intervenção deste poema é menor. Desde logo, a evocação dos “navios que levaram do Congo / os homens sobre o mar” permite recuperar a (má) memória do tráfico negreiro e o abandono forçado do mundo original que ele implicava. É nela que

⁵ Em “Adeus à hora da largada”, o sujeito lírico exprime esta mesma ânsia de vida na última estrofe do poema.

assenta a metáfora da cidade como mar, apresentando-a como um espaço letal. A urbe, especialmente a capital, onde o impacto da colonização é maior, ameaça a identidade própria de cada um, a sua liberdade, enfim, a sua vida. Os poemas sobre as quitadeiras em que acima nos detivemos parecem confirmá-lo. Certamente pelo seu estatuto, ao contrário das vendedeiras, a filha do soba, com margem de escolha e poder de decisão sobre si, recusa a alienação. Não será por acaso que este é o único poema de Neto cujo título é uma palavra em quimbundo, que este termo significa “menina” e que ele está fonicamente próximo de Kalunga, o outro vocábulo quimbundo presente no poema: Kalumba, a jovem mulher, símbolo de vida, escapa a Kalunga, a morte, representada pela cidade colonizada. A filha do soba parece resistir à dupla colonização que afetava a mulher negra em tempos coloniais, situação para a qual talvez não seja insignificante a sua ligação a uma figura do poder local, remetendo assim para a existência de uma hierarquia e de desigualdades sociais, também entre mulheres africanas.

5. Uma de muitos

Para além de composições centradas em vultos femininos, mas nem por isso de teor individual ou pessoal, a mulher na obra de Agostinho Neto integra representações do coletivo como a que se encontra em “Sábado nos musseques”. Este texto apresenta-a como mãe e esposa: “[Ansiedade] na mulher / que pede drogas ao feiticeiro / para conservar o marido // na mãe / que pergunta ao adivinho / se a filhinha se salvará / da pneumonia” (NETO, 2016: 32). Numa situação ou noutra, as apreensões femininas têm subjacente as condições sociais e económicas em que vive, servindo para as denunciar. Se a pobreza faz temer pela vida da filha, numa outra passagem é a situação política que ameaça os filhos: “Ansiedade / nas mães aos gritos / à procura de filhos desaparecidos” (NETO, 2016: 32).

A condição de mãe sofrida é também comum à quitadeira que vende laranjas e que lamenta: “E aí vão as minhas esperanças / como foi o sangue dos meus filhos / amassado no pó das estradas / enterrado nas roças” (NETO, 2016: 39). O mesmo se pode dizer a respeito de Sá Domingas; ela “vende na quitanda à meia-noite / que o filho / está na estrada / precisa de cem mil réis / para pagar o imposto” (NETO, 2016: 42). Estas diversas ocorrências de figuras maternas levam Fátima Sampaio Fernandes (2021) e Pierrette Chalendar

e Gérard Chalendar (1989: 159-160) a considerar que é neste papel que a mulher na poesia netiana se destaca.

A representação da nação como mãe, uma outra manifestação da Mãe África pan-africanista e negritudinista, contribui igualmente para o relevo que a mulher enquanto figura materna detém nos três títulos de Neto, surgindo, também, por exemplo, em “Adeus à hora da largada”, “Havemos de voltar” e “Ópio”.

Enquanto esposa, a mulher não tem uma vida menos angustiada: ela luta, como vimos há pouco, para conservar o marido e sofre ante a possibilidade de o perder para o que nos parece ser a prisão: “e cada mulher / suspirará de alívio / quando o seu homem entrar em casa” (NETO, 2016: 29). As más condições de vida conduzem ao conflito doméstico, o qual, no entanto, parece não durar muito:

Ansiedade
nas mulheres
que abandonaram os homens
para ouvir
a vizinha aos gritos
ralhando contra a pobreza do marido

Ouvem-se
choros histéricos
ruído de cadeiras caídas
respirações ofegantes
tilintar doloroso
de louça de ferro esmaltado
e a multidão invade a casa
os desavindos expulsam-na
e depois vem a reconciliação
com risinhos de prazer (NETO, 2016: 30).

Compõem este quadro referências pontuais às “mulheres que passam embriagadas” (NETO, 2016: 32) – o álcool é também uma das fugas experimentadas pela quitandeira – e, em “Um aniversário” (NETO, 2016: 61) (“Fora do lar / um ex-virtuoso amigo que se embriaga / os nossos exportados para S. Tomé / a prostituição / a angústia geral / a vergonha”) ou, em “À reconquis-

ta” (Neto, 2016: 69) (“através da fome da prostituição das cubatas”), à prostituição.

Nos seus empregos, as mulheres não têm uma vida menos exigente. A sua esfera de ação mantém-se sobretudo no domínio da domesticidade. Elas são as amas dos “filhos sífilíticos” (NETO, 2016: 145) dos brancos, uma outra manifestação da sua ação como figura materna, e vítimas de exploração sexual: “não contem com amas / para amamentar os vossos filhos sífilíticos [...] nem com corpos de mulheres / para vos alimentar de prazeres / nos ócios da vossa abundância imoral” (NETO, 2016: 145). Elas são também lavadeiras (NETO, 2016: 68).

Presas num quotidiano exigente e com pouca ou nenhuma instrução, a ação política parece, até certo ponto, não ser assunto feminino. Como antes vimos, em “Sábado nos musseques”, são os filhos e os maridos que podem ser inesperada e injustificadamente aprisionados. De facto, na poesia de Agostinho Neto, a mulher sofre com as ameaças que pairam sobre a sua família, chora os mortos (NETO, 2016: 36), mas não é vítima direta de atividades repressoras. No entanto, também ela vem a ser “amordaçada” (NETO, 2016: 71) e “Assassinada pelos carrascos” (NETO, 2016: 166). Esta última referência ocorre num poema datado de 1972, já a guerra de libertação levava onze anos, cujo título, “Sobre o sangue ainda quente do meu irmão” é praticamente a reprodução do *incipit* do texto, o qual, por sua vez, no início da segunda estrofe, ressurgue como “Sobre o sangue ainda quente da minha irmã”. Se já os vocábulos “irmão” e “irmã” remetem para fraternidade e igualdade, a apresentação de ambos como vítimas mortais sugere que, em contexto bélico, a mulher angolana não se confina ao tradicional papel de mãe e esposa: transcende o espaço doméstico, torna-se guerr(ilh)eira e participa em pé de igualdade com o homem na conquista da independência da sua terra-Mãe e na construção da nação.

6. Conclusões

Em composições que lhe conferem um lugar de destaque ou em poemas que representam um amplo painel social, a mulher surge frequentemente na poesia que Agostinho Neto escreveu entre os finais dos anos 40 e os inícios da década de 70, sendo por isso a sua figuração indissociável de um contexto histórico-literário específico.

A maneira como o escritor-Presidente representa as mulheres na sua poesia é indissociável do seu projeto literário. Mesmo que por vezes o elemento feminino desempenhe o papel de parceira amorosa, a sua presença não está desligada de intuítos políticos. Nesta linha, não é por acaso que Neto privilegia nos seus textos mulheres que pertencem às camadas desfavorecidas da população, sobretudo em contexto urbano, como é o caso da quitandeira, elemento destacado do imaginário luandense. Em geral, a figuração feminina na obra poética de Agostinho Neto está ao serviço da denúncia dos dramas vividos pelo colonizado, condição que se sobrepõe a qualquer outra, designadamente à de ser mulher.

Na poesia netiana predomina o retrato da mulher como mãe e esposa sofrida. Mesmo no mundo do trabalho, a sua atuação desenvolve-se sobretudo no domínio da domesticidade. No entanto, sugerindo a influência da guerra de libertação na situação da mulher angolana – também ela, de alguma maneira, foi libertada –, refere-se a sua participação na luta armada, assinalando o seu contributo direto para a conquista da independência e para construção da nação. Agostinho Neto apresenta-nos, pois, uma mulher situada, bem diferente daquela que a literatura colonial e os seus derivados celebraram.

Bibliografia

- CHALENDAR, Pierrete; CHALENDAR, G. (1989). *Agostinho Neto ou a palavra reencontrada*. In *A voz igual. Ensaio sobre Agostinho Neto*. Porto: Fundação Eng.º António de Almeida, pp. 155-164.
- FERNANDES, Fátima Sampaio (2021). *Análise do papel da mulher na poesia de Agostinho Neto (1922-1979) à luz das teorias psicanalíticas*. «Njinga & Sepé: Revista internacional de culturas, línguas africanas e brasileiras». V. 1, n.º especial, 78-92.
- MATA, Inocência (2007). *Mulheres de África no espaço da escrita: a inscrição da mulher na sua diferença*. In MATA, Inocência, PADILHA; Laura Cavalcante, org. *A mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 421-440.
- MATA, Inocência (2012). *Reler os «clássicos»: a poesia de Agostinho Neto e os herdeiros do nacionalismo literário*. «Latitudes. Cahiers lusophones». N.º 41-42, 41-49.

- MENDONÇA, José Luís (2012). «*Sagrada esperança*» de Agostinho Neto. «Latitudes. Cahiers lusophones». N.º 41-42, 25-29.
- NETO, Agostinho (2012 [1977]). *Discurso perante a União de Escritores Angolanos*. «Latitudes. Cahiers lusophones». N.º 41-42, 3-4.
- NETO, Agostinho (2016). *Sagrada esperança. A renúncia impossível. Amanhecer*. Luanda: Fundação António Agostinho Neto.
- PIRES LARANJEIRA; ROCHA, Ana T. (2012). *Defesa e ilustração da poética de Agostinho Neto*. «Latitudes. Cahiers lusophones». N.º 41-42, 15-24.

Entre sombra e luz:
o retrato de uma vida precária em “Quitadeira”
de Agostinho Neto

Luigia De Crescenzo

U. Roma Tre

luigia.decrescenzo@uniroma3.it

Resumo: O presente trabalho visa propor uma leitura do poema *Quitadeira* de Agostinho Neto à luz de algumas reflexões formuladas por Judith Butler a propósito da condição – própria e induzida pelo meio socioeconómico – de precariedade e vulnerabilidade da vida humana que parece ser representada através da figura da quitadeira.

Palavras-chave: Agostinho Neto; Quitadeira; Sagrada Esperança; Judith Butler; vidas precárias.

Abstract: This essay will analyse Agostinho Neto’s poem *Quitadeira* in the light of some reflections formulated by Judith Butler regarding the condition – inherent and induced by the socioeconomic environment – of precariousness and vulnerability of human life that seems to be represented through the figure of the *quitadeira*.

Keywords: Agostinho Neto; Quitadeira; Sagrada Esperança; Judith Butler; precarious life

“A humilhação constante produz a revolta”¹: assim escreveu Agostinho Neto em algumas páginas de notas apreendidas pela PIDE antes do seu confinamento em Cabo Verde; poucas palavras, mas muito significativas pois parecem conter uma forte carga revolucionária, sendo emblemáticas da sua trajetória humana, intelectual e política.

¹ *Apud* BARRADAS, *ed.*, 2010: 53.

Ao longo da sua vida, de facto, Agostinho Neto transformou essas “humilhações constantes” nas sementes da luta contra as injustiças do sistema colonial, reivindicando a dignidade e a identidade cultural do povo angolano através de uma obra poética e militante que expressava – e ainda hoje expressa – o poder de um desejo de redenção que passou do individual ao coletivo, como sugerido, a título de exemplo, por alguns versos do seu poema *Aspiração* (1949): “O meu Desejo / transformado em força / inspirando as consciências desesperadas” (NETO, 1961: 34).

O de Agostinho Neto foi um engajamento humano, intelectual e político que aspirava à libertação de Angola do jugo do colonialismo português e inspirava esperança no futuro, encontrando na poesia, como afirma Acácio Barradas, “a expressão mais adequada para dar voz à sua indignação perante a injustiça e transmitir a «sagrada esperança» na vitória dos fracos sobre os fortes, dos humilhados e ofendidos sobre os orgulhosos e arrogantes detentores do poder colonial e imperialista” (BARRADAS, 2010: 21-22).

Por esta razão, a poesia de Neto pode ser definida, no dizer de Maria Eugénia Neto, como “uma poesia de intervenção, [...] uma poesia de apelo, de chamamento ao Povo” (NETO, 2014: 23), expressa a partir de um eu lírico que incita o povo angolano ao reconhecimento do próprio sofrimento e à luta para libertar-se e que se estende ao “nós”, tornando-se no porta-voz de um sentimento de perda e privação que une uma comunidade oprimida por séculos de domínio colonial. Como observou Patrick Chabal:

A poesia era o meio reivindicativo mais apropriado porque tinha a plasticidade suficiente para abarcar uma forma de expressão que subvertia o discurso colonial legitimador, e porque ligava de forma extremamente poderosa o “eu” poético com a reapropriação colectiva do “nós” africano por parte dos africanos. Por outras palavras, a poesia – em parte porque estava mais próxima da literatura oral do que a prosa – permitiu ao colonizado expressar a sua rejeição da assimilação e construir os alicerces culturais da nova nacionalidade (CHABAL, 2014: 67-68).

Neste sentido, a palavra poética de Neto traduz-se em ação ao acolher, numa só voz, o lamento dos excluídos e ao tentar definir a fisionomia de Angola há muito escondida pelas “máscaras brancas” do colonialismo.

A criação poética de Agostinho Neto pode ser interpretada, portanto, como uma forma de reconhecimento e valorização do sentimento de comunida-

de, contribuindo para a afirmação da consciência nacional e de uma literatura que viria a ser veículo para as aspirações e sentimentos de uma geração de angolanos que proclamava a sua existência e exortava a descobrir Angola através da construção de um discurso anticolonial.

É nesta perspectiva que será analisada a reflexão contida nos versos de *Quitandeira*, poema publicado no volume *Sagrada Esperança* e centrado, como o título sugere, numa figura particularmente representativa da realidade angolana e da exploração perpetrada pelo sistema dominante.

No poema netiano, a realidade angolana é evocada, nas primeiras estrofes, através da referência a alguns elementos essenciais de uma paisagem natural ensombrada por uma profunda sensação de desolação e um silêncio interrompido apenas pela voz da quitandeira:

A quitanda.
Muito sol
e a quitandeira à sombra
da mulemba.

— Laranja, minha senhora
laranjinha boa!

A luz brinca na cidade
o seu quente jogo
de claros e escuros
e a vida brinca
em corações aflitos
o jogo da cabra-cega (NETO, 1976: 49)

O ‘jogo’ sinestésico de luz e sombra anima a cena de vida quotidiana, refletindo, por analogia, uma realidade sombria progressivamente interiorizada e amplificando a percepção do sentimento de derrelicção que aflige as existências anónimas de indivíduos que são, como “a quitandeira / que vende fruta / vende-se” (NETO, 1976: 49), privados da sua humanidade e reduzidos a coisa.

Como observou o escritor angolano Mário António num artigo intitulado *Agostinho Neto, poeta de Angola* – assinalado por Francisco Topa como o primeiro texto crítico sobre a poesia de Agostinho Neto – e publicado na revista moçambicana *O Brado Africano* a 12 de maio de 1951:

Agostinho Neto, como africano e negro que é, não pode deixar de exprimir os problemas da sua Raça. É no poema “Quitandeira” [...] que melhor se revela essa faceta da sua obra. Conhecemos, pelo menos, mais três poesias, de autores diversos, publicadas em Angola e subordinadas ao mesmo tema. Agostinho Neto, porém, veio tratá-lo de maneira inteiramente nova. Não se deixou iludir pela garridice dos panos listrados da boa mulher apregoando laranja boa, do quimono florido, curto, deixando ver os seios chupados, ou pelo pitoresco do seu pregão. À sua poesia não convêm exterioridades, mas a verdade que atrás delas se oculta. Nas palavras que põe na boca da quitandeira, lemos todo o drama numa raça cujo atraso, em nome de um falso altruísmo, tem sido desumanamente explorado. Ouvimos ali, pela boca de uma velha negra, todos os problemas de um povo que, em sua maioria, talvez os desconheça, mas que Agostinho Neto, seu filho mais culto, sente e sabe exprimir (*Apud* TOPA, 2020: 4).

E é precisamente através da exclamação da mulher, intercalada na composição poética, que se expressa o grito de justiça de uma humanidade à espera de ser reconhecida e ouvida pelo outro: o sujeito dominante ao qual se dirige através da apóstrofe “Minha senhora” (NETO, 1976: 49).

Este apelo é também reiterado nas duas estrofes seguintes através da repetição anafórica do imperativo do verbo comprar que sublinha a natureza dramática da condição de alienação e perplexidade sofrida pela mulher, cuja existência constitui a “tortura / da vida sem vida” (NETO, 1976: 49); uma espécie de condenação que desumaniza, esvaziando a vida da sua essência e levando à aniquilação total do sujeito reduzido a objeto, como sugere nesta estrofe:

Aí vão as laranjas
como eu me ofereci ao álcool
para me anestesiá
e me entreguei às religiões
para me insensibilizar
e me atordeei para viver (NETO, 1976: 50)

O alheamento de si própria é intensificado, nos versos seguintes, através da amplificação dos sentimentos de desespero e luto, “E aí vão as minhas esperanças / como foi o sangue dos meus filhos / amassado no pó das estradas / enterrado nas roças” (NETO, 1976: 50), resultando numa condição de

profunda miséria e de extremo desânimo; um sacrifício simbolicamente representado pelas ‘lágrimas’, ‘sangue’ e ‘suor’ derramados por uma inteira comunidade, explorada, arrancada das suas raízes e encarnada, metonimicamente, na figura da quitandeira:

Como o esforço foi oferecido
à segurança das máquinas
à beleza das ruas asfaltadas
de prédios de vários andares
à comodidade de senhores ricos
a alegria dispersa por cidades
e eu
me fui confundindo
com os próprios problemas da existência (NETO, 1976: 50)

Um ‘eu’ que é, na realidade, um ‘nós’ e que se dissolve no drama da aceitação passiva de uma – suposta – civilização construtora de um mundo ao qual não se pertence a não ser como a ruína de um passado negado e reprimido.

Neste sentido, a denúncia poética de Agostinho Neto da situação de absoluta precariedade do povo angolano parece poder oferecer, em parte, uma resposta à questão relativa à possibilidade de reconfigurar a comunidade a partir da compreensão do significado da vulnerabilidade e da perda formulada por Judith Butler em *Precarious life: the powers of mourning and violence* (2004), um ensaio escrito na sequência dos ataques terroristas contra os EUA a 11 de Setembro de 2001.

Neste ensaio, Judith Butler considera o que nos vincula eticamente ao outro, identificado com aqueles indivíduos cujas existências cabem na categoria das vidas precárias, ou seja, como explica Butler em *Corpos em aliança*:

A “precariedade” designa a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte. [...] A precariedade é, portanto, a distribuição diferencial da condição precária. Populações diferencialmente expostas sofrem um risco mais alto de doenças, pobreza, fome, remoção e vulnerabilidade.

de à violência sem proteção ou reparações adequadas (BUTLER, 2018: 37-38 [ebook])

Nesta perspectiva, o vínculo ético e moral com a alteridade revela-se quando reconhecemos a humanidade do Outro a partir, em particular, da sua vulnerabilidade, que pode estar em diferentes graus sob ameaça, pois:

somos, enquanto corpos, vulneráveis aos outros e às instituições, e esta vulnerabilidade constitui um aspeto da modalidade social através da qual os corpos sobrevivem. A questão da minha ou da vossa vulnerabilidade faz-nos parte de um problema político mais vasto no centro do qual se situa a igualdade e a desigualdade, uma vez que a vulnerabilidade pode ser projetada e negada [...], mas também explorada e manipulada [...] no processo de produção e naturalização de formas de desigualdade social. Isto é o que queremos dizer com a distribuição desigual da vulnerabilidade (BUTLER, 2020: 46-47).²

Sendo assim, a vulnerabilidade é considerada uma “condição da socialidade” (BUTLER, 2020: 49) de acordo com a qual os indivíduos protegem a sua própria vulnerabilidade e a dos outros; por isso, segundo a filósofa norte-americana, na experiência do luto, experimenta-se uma espécie de “desposseção” (BUTLER, 2013: 52)² que implica uma perda não apenas dos vínculos com os outros e com o mundo exterior, mas também do que estas relações significam para o indivíduo, uma vez que “não se trata de um «eu» que existe independentemente aqui e então simplesmente perde um «tu» ali, especialmente se o vínculo ao «tu» é uma parte constitutiva do que «eu» sou” (BUTLER, 2013: 47).

É a partir da dimensão relacional da experiência de luto que, no dizer de Butler, é possível repensar aqueles “laços e relações necessários para teorizar qualquer forma de dependência fundamental e responsabilidade ética” (BUTLER, 2013: 48) existentes dentro de uma comunidade política, considerando a perda e a vulnerabilidade como “uma consequência do nosso ser corpos socialmente constituídos, fragilmente unidos aos outros, que podemos sempre perder, e expostos aos outros, correndo sempre o risco da violência que pode resultar desta exposição” (BUTLER, 2013: 46). Na perspectiva butleriana, o reconhecimento da comum vulnerabilidade humana seria, portanto, a condição fundamental para a articulação de um sentido renovado de

² Esta e as próximas citações são extraídas da edição italiana. A tradução para o português é da autora do artigo.

comunidade, resultante de uma “identificação com o próprio sofrimento” (BUTLER, 2013: 54), pela qual é possível prestar atenção à fragilidade e à dor do outro. Neste sentido, a experiência da dor é configurada como um princípio de reciprocidade que permite a um proteger o outro do mesmo sofrimento³ experimentado, contrariando as concepções normativas do humano que estabelecem os critérios de inclusão e exclusão segundo os quais uma vida é “digna de nota, de ser valorizada e preservada, uma vida reconhecível como tal” (BUTLER, 2013: 57).

No pensamento de Judith Butler esta reflexão desenvolve-se no conceito mais amplo e complexo da ética da não-violência que assenta na consciência da vulnerabilidade da vida humana e na compreensão do significado do luto, confluindo em novas formas de solidariedade e justiça global. Desta forma, a ênfase é posta, em particular, no reconhecimento da humanidade, nossa e alheia, e na questão do uso político da experiência da dor e da vulnerabilidade para estabelecer novos vínculos de dependência social contra as dinâmicas de exploração e no sentido da interdependência, um recurso indispensável para cada indivíduo dentro de uma coletividade. Sendo assim, a reflexão de Butler parece coincidir, de certa forma, com o discurso poético de Neto no sentido da inclusão, como no poema *Quitandeira*, daquelas vidas precárias, desumanizadas, alienadas da sua realidade, expostas à violência e para as quais reivindica liberdade e justiça. Ao ecoar nos seus versos o grito de dor e desespero da quitandeira, Agostinho Neto configura um espaço de visibilidade para todas aquelas vidas que não merecem ser recordadas, vidas não dignas de luto⁴, vidas, em suma, relegadas à penumbra, cujo lamento se transforma em motivo de compaixão e em matéria de um poema de luta e denúncia, como pode ser lido nestas estrofes: “Tudo tenho dado. / Até mesmo a minha dor / e a poesia dos meus seios nus / entreguei-as aos poetas” (NETO, 1976: 51). Nestes versos, o luto e a perda refletem-se numa espécie de desnudamento que revela, ao mesmo tempo, a anulação moral e material da mulher e a trágica realidade desta condição, amplificada na estrofe seguinte:

Agora vendo-me eu própria.
– Compra laranjas

³ Cf. BUTLER, 2013: 54.

⁴ BUTLER, 2013: 57.

minha senhora!
Leva-me para as quitandas da Vida
o meu preço é único:
– sangue. (NETO, 1976: 51)

A experiência da desposseção que deriva – segundo Butler – da dor é assim levada ao extremo através da repetição do grito da quitandeira que chama a atenção do interlocutor e se coloca à venda; na sua absoluta alienação, o que a mulher parece reclamar da outra é o reconhecimento de uma vulnerabilidade que a torna humana, “talvez vendendo-me / eu me possua” (NETO, 1976: 51), pois é através da compreensão da precariedade dos outros que se torna possível, na perspectiva butleriana, estabelecer uma responsabilidade ética mútua e um verdadeiro sentido de comunidade.

À luz desta leitura parece portanto emergir o apelo que Agostinho Neto dirigia, através da criação poética, ao seu povo a fim de despertar a sua consciência e estimulá-lo a agir contra as injustiças, discriminações e privações infligidas pelo colonialismo; aquelas humilhações constantemente sofridas pelo povo angolano, que em *Quitandeira*, em particular, não parecem extinguir a esperança – motivo essencial da poética netiana – de se redimir e (re)apropriar-se das suas origens, regressando a um princípio mais autêntico para que pudesse desabrochar aquele “botão de rosa / que não abriu” (NETO, 1976: 51).

Bibliografia

- BARRADAS, Acácio, ed. (2010). *Agostinho Neto: uma vida sem tréguas 1922-1979*. Lisboa / Luanda: Fundação António Agostinho Neto.
- BUTLER, Judith (2013). *Vite precarie. I poteri del lutto e della violenza*. Milano: Postmedia books.
- BUTLER, Judith (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Tradução F. Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (ebook).
- BUTLER, Judith (2020). *A chi spetta una buona vita?*. Milano: notttempo.
- CHABAL, Patrick (2014). *O contexto político e cultural da poesia de Agostinho Neto*. In LARANJEIRA, Pires; ROCHA Ana T., coord. *A noção de ser: tex-*

tos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação António Agostinho Neto, pp. 65-84.

NETO, Agostinho (1961). *Poemas*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império. Coleção de Autores Ultramarinos.

NETO, Agostinho (1976). *Sagrada Esperança*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

NETO, Eugénia (2014). *A poética de Neto como práxis social*. In LARANJEIRA, Pires; ROCHA Ana T., coord. *A noção de ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*. Luanda: Fundação António Agostinho Neto, pp. 23- 28.

TOPA, Francisco (2020). *O primeiro texto crítico sobre a poesia de Agostinho Neto: A avaliação certa do jovem Mário António*. «Navegações». 13:2, 1-4.

Sol e sombra, luz e luzes

na poesia de Agostinho Neto

Francisco Topa
U. Porto / CITCEM
ftopa@letras.up.pt

Resumo: O artigo aborda o tópico da luz na poesia de Agostinho Neto, defendendo que ele nos permite perceber os pontos essenciais da poética e do pensamento político netianos. São inventariadas e comentadas as várias ocorrências e aceções do tópico, que muitas vezes joga com o seu antónimo.

Palavras-chave: Agostinho Neto; luz; escuridão.

Abstract: The article studies the topic of light in Agostinho Neto's poetry, arguing that it allows us to perceive the essential points of Neto's poetics and political thought. The various occurrences and meanings of the topic, which often plays with its antonym, are inventoried and commented on.

Keywords: Agostinho Neto; light; darkness.

A obra de Agostinho Neto, apesar de relativamente exígua, escrita que foi num tempo breve enquanto outras formas de luta política não se impuseram na vida do seu autor, não deixa de surpreender – pelo menos a mim – pelas possibilidades de leitura que continua a abrir. Um dos tópicos que a dominam e que, segundo julgo saber, ainda não foi objeto de abordagem sistemática é o da luz, presente no emblemático poema de abertura de *Sagrada Esperança*, “Adeus à hora da largada”: nós, que “somos os teus filhos / dos bairros de pretos / além onde não chega a luz eléctrica” (NETO, 2018: 25)¹, “Nós vamos em busca de luz” (26).

¹ A partir daqui, e por comodidade, as citações da obra de Agostinho Neto consistirão apenas na indicação da página.

Fenómeno físico que durante longos séculos intrigou filósofos, físicos e curiosos, a luz é de há muito consensualmente entendida como uma forma de radiação eletromagnética cuja frequência é visível ao olho humano. Isso não impede, contudo, que o termo tenha várias aceções, como facilmente se comprova através da consulta a um dicionário comum. De facto, para além da aceção técnica, o *Dicionário* da Porto Editora (2015: 997) regista também: “iluminação que provém do Sol durante o dia”; “luminosidade”; “claridade emitida ou refletida pelos corpos celestes”; “clarão produzido por uma substância em ignição”. A estes acresce o sentido figurado de “conhecimento”.

Menos preciso mas mais poético (e mais próximo do uso que Neto faz do termo) é o verbete que lhe consagra Rafael Bluteau no seu *Vocabulario Portuguez, e Latino*, no início do qual podemos ler:

Luz. Qualidade subtilissima, que penetra os corpos diaphanos, & faz todos os corpos visiveis. As principaes propriedades da luz são alumear em hum instante toda a esphera da sua actividade, ser a mais pura de todas as qualidades, communicarse sem diminuição, manifestar todas as cores, descobrir os mais pequenos atomos, formar hum circulo, por qualquer buraquinho, pelo qual se insinue (BLUTEAU, 1716: 215).

Mais à frente, recorda o religioso teatino que “Neste mundo visivel, a luz foy o primeiro parto do Creador”, dissertando depois sobre o seu contrário, a sombra: “Não há symbolo mais claro da prosperidade deste mundo. (...) Assim sempre a luz he acompanhada da sombra, & se no auge da prosperidade, como no Sol do Meyo dia, a sombra he pequena, sempre vão crescendo as sombras das afflições, & se fazem tam compridas, que vão fenecer só no fim da vida.” (BLUTEAU, 1716: 215). Outro ponto interessante do verbete é a citação de um aforismo que Cícero coloca na boca de Énio:

Homo qui erranti comiter monstrat viam,
Quasi lumen de suo lumine accendit, facit:
Nihilominus ipsi luceat, cum illi accenderit.² (CÍCERO, 1818: 402)

² Tradução (da minha responsabilidade): “Um homem que mostra, amavelmente, o caminho a alguém perdido, / Procede como se acendesse a luz do outro com a sua. / Não brilha menos a dele, quando acendeu a do outro.” É esta provavelmente a fonte de um dos pontos da “Licção septima” da *Nova Arte de Conceitos* do setecentista Francisco Leitão Ferreira: discorrendo sobre a imitação e o furto, escreve que “assim como eu propriamente

Ora, também esta ideia de que a dádiva – neste caso da luz, em qualquer dos seus significados – não tira a quem dá, convertendo-se assim numa espécie de multiplicador mágico, pode ser detetada na obra e no pensamento de Agostinho Neto, a começar pelo poema atrás referido, “Adeus à hora da largada”. De facto, o sujeito que declara “Nós vamos em busca de luz” e em seguida faz equivaler essa luz a vida é “aquele por quem se espera”, não propriamente no sentido messiânico que muitos comentadores atribuem a esse verso, mas na linha que é explicitada em “Um aniversário”: “E o nosso formado em Medicina / construirá também!” (61). Trata-se, pois, da aquisição de um conhecimento para ser partilhado e para ser aplicado, de acordo com uma orientação que não está muito afastada do *Sapere aude!* reclamado por Kant, isto é, a coragem de usar o entendimento e o conhecimento para a autodeterminação, embora no caso de Neto esse não seja um processo apenas individual, mas também coletivo, implicando uma luta pela libertação.

As várias etapas desse processo estão bem expressas em diferentes poemas. Em “Noite”, por exemplo, temos um sujeito individual que expressa a consciência da escuridão e de uma certa forma de escravidão: “Vou pelas ruas / às apalpadelas/ encostado aos meus informes sonhos / tropeçando na escravidão / ao meu desejo de ser.” (44). Já em “Consciencialização” esse sujeito dá um passo à frente, assumindo um propósito: “Acontece que eu / homem humilde / ainda mais humilde na pele negra / me regresso África / para mim/ com os olhos secos” (60). Noutros textos, essa consciência e esse propósito surgem já numa dimensão coletiva, como acontece em “Mussunda amigo”, particularmente no verso final, “Nós somos.” (65), também ele uma espécie de réplica a outro aforismo filosófico, o “Ergo sum” de Descartes.

Como pontos de algum modo intermédios, temos uma série de composições em que o par antimónico luz / trevas assume diversos cambiantes, naturais e artificiais, literais ou metafóricos, positivos e negativos.

Um aspeto várias vezes sublinhado é que a luz, qualquer que seja a sua forma, não pode ser apropriada. É por isso que só com amarga ironia o sujei-

não tomo, mas só roubo por metáfora, o lume ao meu vizinho, se lhe tomo para mim a mesma vela acesa de que he possuidor: da mesma sorte o tomar, ou furtar huma cousa a outrem, então se diz nos escritores propriamente roubo, furto, & latrocínio, quando a mesma cousa em individuo inventada por hum, he usada ao depois por outro: porque se ella for hum distinto individuo, já se não dirá tomada, nem furtada, mas imitada ou competida: & só por metáfora se pôde chamar roubo” (FERREIRA, 1718: 170-1).

to de “A renúncia impossível” concede que “O sol brilha só para vós / a luz reflecte só para vós” (151), correspondendo este *vós* aos escravagistas, aos responsáveis pelos massacres e ocupações em África. Mas, ao contrário da luz natural, a eletricidade constitui uma forma de poder e de segregação, como se vê em “Crueldade”: “Da cidade iluminada / vêm gargalhadas / numa displicência cruel” (36).

A luz artificial, para além de ser um bem de que os habitantes negros e pobres são excluídos, é representada como um elemento de sedução, correspondente ao divertimento urbano – “enquanto um carrocel / arrasta em turbilhão de sonho / luzinhas vermelhas verdes azuis” (31) – ou a um sortilégio mais perigoso, como acontece em “Kalumba”: “Ela veio do mato / e confundiu / as estrelas com as luzes da cidade” (136). Neste último caso, o destino da recém-chegada é a imagem de um longo processo histórico: “Mas os seus olhos confusos / descobriram na cidade / um mundo diferente / onde a sua alma era aferrolhada / nos navios que levaram do Congo / os homens sobre o mar” (136).

A sombra ou a ausência de luz é muitas vezes um sinal de perigo, podendo indicar várias formas de injustiça: “Ansiedade / nos soldados que se divertem / emboscados à sombra de cajueiros / à espera de incautos transeuntes” (29). Esta dimensão negativa da sombra e do escuro não é exclusiva do aparelho colonial repressor, podendo ter também uma dimensão particular. É o caso de um fenómeno a que hoje estamos particularmente atentos: o dos crimes sexuais, em particular os que incidem sobre menores. Veja-se esta passagem também de “Sábado nos musseques”: “Ansiedade no homem / escondido em recanto escuro / violando uma criança” (29).

Noutros casos o sentido da sombra é mais comum, indicando, por exemplo, o sofrimento familiar. É o que se vê na composição “Partida para o contrato”, em que o apagamento do homem no horizonte vai “escurecendo / o céu escurecendo a terra / e a alma da mulher” (27), impondo a “Negrura / Só negrura...” (27). Algo de semelhante pode acontecer com a estrela, tomada como signo da morte de um ente querido, como em “Assim clamava esgotado”: “Morreu alguém no meu lar / No meu lar havia uma filhinha / estrela brilhante no céu da minha pobreza / ela morreu” (100).

Menos comum é a associação de “astros cintilantes” a uma espécie de arte poética que, em alguns momentos, não anda longe do que hoje entendemos

como ecocrítica. Veja-se esta passagem de “Poema”: “Um poema que não sejam letras / mas sangue vivo / em artérias pulsáteis dum universo matemático / e sejam astros cintilantes / para calmas noites / de invernos chuvosos e frios / e seja lume para acolher as gazelas / que pastam inseguras / nos campos acolhedores da imensa vida;” (83).

Outro aspeto interessante tem que ver com a representação das formas de vencer a escuridão. Para além da luz elétrica, o divertimento, ainda que vigiado, pode fazer-se graças a outras fontes de energia: “Ansiedade na kazakuta/ dançada à luz do acetileno / ou do candeeiro *Petromax*” (33). Pode fazer-se também com recurso à iluminação da lua, designadamente em certas zonas da cidade habitadas pelos “condenados da terra”. É o que se vê no poema “Sábado nos musseques”, em que a festa se faz “na lua cheia / acesa em vez dos candeeiros / de iluminação pública / que pobreza e luar / casam bem” (28). Em contexto não urbano ou periurbano, também o fogo constitui uma alternativa de luz para o ócio noturno: “No céu o reflexo do fogo / e as silhuetas dos homens negros batucando / de braços erguidos / No ar a melodia quente das marimbas” (43). Mas, na verdade, não estamos perante simples vivências de ócio: trata-se de formas de cultura, que fazem parte de uma identidade que continua a representar uma “Aspiração”, alguma coisa que está por vir, marcada que está por um *ainda* murmurado “nas sanzalas/ nas casas / nos subúrbios das cidades / para lá das linhas” (54): “Ainda / o meu sonho de batuque em noites de luar” (53). É também por isso que, em “Havemos de voltar”, se proclama: “aos ritmos e às fogueiras / havemos de voltar” (115). Não esqueçamos ainda que, além dessa vertente identitária, o batuque pode representar uma forma de preparação para a luta: “As mãos violentas insidiosamente batem / no tambor africano / e a pele percutida solta-me tam-tams gritantes / de sombras atléticas / à luz vermelha de fogo de após trabalho” (72).

A dicotomia sol / sombra ou dia / noite tem uma série de outras representações. Em “Meia-noite na quitanda”, por exemplo, a transição do sol para a lua é um modo de indicar a duração interminável de um dia de trabalho: “O sol / entrega Sá Domingas à lua / nas quitandas dos musseques” (42). Sol e sombra são, assim, uma espécie de alfa e ómega da propalada “Civilização ocidental”, aquela que faz com que “O sol atravessando as frestas / acorda o

seu habitante” e que assegura que “Uma esteira nas noites escuras / basta para ele morrer / grato / e de fome.” (45).

Noutros poemas, dia e noite assumem uma dimensão metafísica, que tanto pode ser pessoal – “Um dia / o meu sol caiu no mar / e me anoiteceu” (137) – como coletiva: “Mas na noite escura / os corações se erguem // Ah! é tão alegre a madrugada” (137).

A outra grande dimensão de luz que aparece na poesia de Agostinho Neto está associada ao anúncio de um novo dia, de algum modo comparável ao “dia inicial inteiro e limpo” de Sophia de Mello Breyner. O primeiro passo para esse anúncio é necessariamente individual e passa pela dimensão cognoscitiva da luz, como se vê na segunda parte de “A renúncia impossível”, que abre com o grito: “Ah! Faça-se luz no meu espírito / LUZ!” (153).

Cumprida essa etapa, o sujeito adquire uma confiança que lhe permite afirmar: “vejo luz onde só há trevas.” (48). E, logo a seguir: “Sou um dia em noite escura”. Isto apesar de declarar também: “Nunca vi o sol / que tenho a recordar?” (48). É este o sinal de que estamos perante um tempo novo, com um novo sol. Um tempo que será coletivo e que já é perceptível “nesta madrugada do nosso dia” (57). Em “A voz igual”, o “amanhecer vital” de que se fala é aquele em que “Os homens saídos dos cemitérios da ignorância” “são os eleitos / os participantes efectivos no festim da nova vida” (117); os que, “Chegados à hora”, farão parte de um renascimento capaz de fundir os contrários: “Ressuscitar o homem / nas explosões humanas do dia a dia / na marimba no chingufe no quissange no tambor / no movimento dos braços e corpos / nos sonhos melódiosos da música / na expressão do olhar / e no acasalamento sublime da noite com o luar / da sombra com o fogo do calor com a luz / a alegria dos que vivem com o sacrifício gingado dos dias” (120-1).

Esse será um dia alinhado com a natureza africana: “E há esta alegria de ser humano / quando a manhã avança suave e forte / sobre a embriaguez sonora do cântico da terra / apavorando vermes e répteis” (63). Um dia que fará surgir “um trilho imenso do Níger ao Cabo / onde marimbas e braços tambores e braços vozes e braços / harmonizam o cântico inaugural da Nova África” (63). Esse dia inaugural far-se-á também com a luz das fogueiras noturnas: “A liberdade nos olhos / o som nos ouvidos / das mãos ávidas so-

bre a pele do tambor / num acelerado e claro ritmo / de Zaires Calaáris montanhas luz / vermelha de fogueiras infinitas nos capinzais violentados” (67).

Esse dia do renascimento africano contempla também o pequeno milagre da vida de um povo independente, finalmente livre para “O içar da bandeira”: “Cheguei no momento do cataclismo matinal / em que o embrião rompe a terra humedecida pela chuva / erguendo a planta resplandecente de cor e juventude” (109).

Concluindo, podemos dizer que, não sendo este tópico da luz dos mais óbvios da poesia de Agostinho Neto, é um dos que nos permite perceber os pontos essenciais da sua poética e do seu pensamento político. Mais ainda: meio século passado da escrita desses textos, numa época em que nos voltam a dizer que o sol não brilha para todos; que a luz elétrica e a energia não são para todos; que os “cataclismos matinais” são de outro tipo; que os que vão em busca de luz e de vida não podem seguir viagem; somos obrigados a reconhecer que a poesia de Agostinho Neto continua a ser válida e necessária, por muito que nos digam que está fora de moda.

Bibliografia

- BLUTEAU, Rafael (1716). *Vocabulario Portuguez e Latino (...)*. Vol. V. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva.
- CÍCERO (1818). *Œuvres Complètes de M. T. Cicéron, traduites en français, le texte en regard*. Tome ving-cinquième. Paris: F.-I. Fournier.
- (2015) *DICIONÁRIO da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- FERREIRA, Francisco Leitão (1718). *Nova arte de conceitos (...)*. Primeyra parte. Lisboa Occidental: Oficina de Antonio Pedrozo Galram.
- KANT, Immanuel (1984). *Kant e a “Resposta à pergunta O que São as Luzes”*. Edição, apresentação, tradução e notas a cargo de José Esteves Pereira. “Cultura, História e Filosofia”. III.
- NETO, Agostinho (2018). *Obra poética completa*. 2.^a ed. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto.



ISBN 978-980-53997-2-7



9 789895 399727